

Oferta
-0. NOV. 1998

A VULSO

1. ESC.
1.20

ANO III—N.º 124

30
SETEMBRO
1943



Este «Alter», que o público conhece do redondel, montado pelo picador Felício, é o cavalo preferido de Nazaré

(Ver nas páginas 4 e 5 a primeira entrevista da noiva de Gregório Garcia.)

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

Vamos ver

MARIKA

RÖKK!

EM CARNE E OSSO

MEUS senhores: é muito fácil! Marika Kökk vêm a Portugal e poderemos vê-la no Estoril. Amanhã ou depois, talvez daqui a três dias, vê-la-emos na Exposição Internacional de Cinema, onde assistirá à passagem do seu magnífico filme «A dança com o imperador». Ficarà em Lisboa quatro ou cinco dias — tempo que não chegará para a gentilíssima actrízinha assinar os autógrafos que os admiradores portugueses lhe solicitam...

Marika Kökk, de facto, é hoje, dentro da cinematografia alemã, a mais conhecida e apreciada artista — conhecida dos portuque-



ses, pelo menos... Eles viram-na na tela, tiveram a mágoa de a saber morta e, depois, tiveram o prazer de a saber «ressuscitada»... Essa graciosa estrelinha que conquistou tantas simpatias entre nós, é uma mocidade graciosa — uma mocidade diferente, que ela soube levar para as telas sombrias do cinema alemão — e veio a Portugal acompanhada de seu marido.

Ela que tinha já conquistado na tela tantos admiradores — vai agora, com certeza, ser ainda mais admirada, e o seu novo filme impô-la-á, definitivamente, entre os elementos mais expressivos e representativos do cinema europeu.



peelo mundo aconteceu...



...juntarem-se seis atletas suecos e, depois de muitos treinos, conseguiram fazer este perigoso esato de conjunto. «Tomarem atitudes» com uma diferença de trabalho para realizar esta fotografia...



...que o presidente Vargas recebe, no Palácio Rio Negro, na linda estância de Petropolis, o cineasta John Ford, um dos maiores realizadores americanos, que se propõe impulsionar o cinema brasileiro...

...estrear-se, no «Diana Theatre», do Cairo, o filme «Vitória no Deserto», e a estreia assistir o rei Faruk, que vemos na foto, tendo ao lado o general «sir» Maitland Wilson, comandante-chefe das forças aliadas no Medio Oriente...



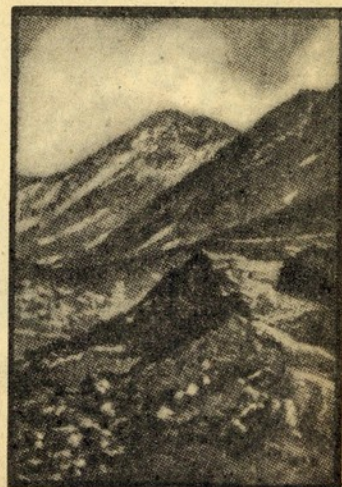
...o dr. Goebbels continuar a prestar a melhor assistência moral à população alemã, duramente atingida pelos bombardeamentos aéreos, tendo visitado em Berlim as vítimas do último «raido» inglês...



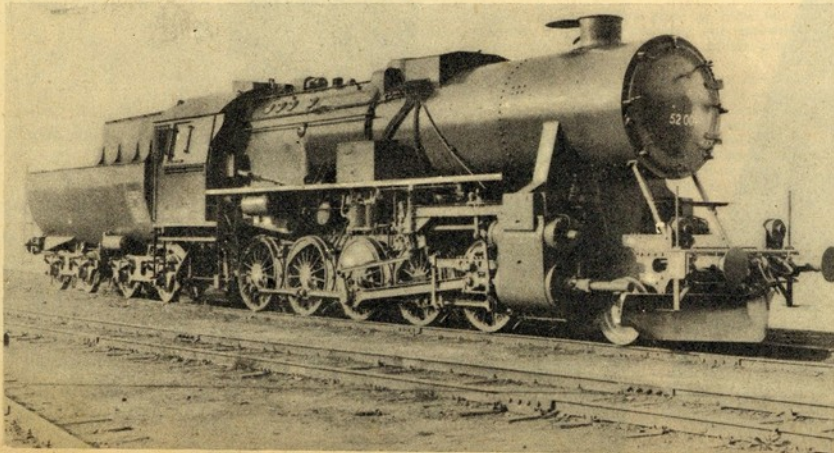
...que na frente Leste, não havendo só florestas a romper com verdadeira sentido de orientação, os soldados alemães se vêem muitas vezes em dificuldades para romper por estas «florestas» de setas e letreiros — criadas pela organização alemã, à medida que se desenvolvem as operações...



...que tendo os homens de prestar serviço nas frentes de batalha, as mulheres inglesas, como esta que se vê cheia de optimismo e boa «linha», tiveram algumas vezes que se fazer «líxtras» — ou, simplesmente, «escrivãs da pena longa»...



...aparecer um desmentido dos Aliados, a respeito das circunstâncias em que se realizou o rapto de Mussolini, alegando-se que, sobre montes assim «escarpados», não podiam pousar aviões e paraquedistas, como foi anunciado pela propaganda alemã...



...a primeira «locomotiva de guerras» alemã ter dado uma economia de 26 toneladas de aço e duas toneladas de cobre, com um rendimento igual à das anteriores locomotivas.



— Ando tão bem de bicicleta como a cavalo. Quere ver?

como um conto de fadas... Nazaré Felício, a noiva de GREGÓRIO GARCIA

FALA DA SUA HISTÓRIA DE AMOR!

— O senhor Gregório Garcia, a senhorita Nazaré Felício...

Por uma tarde de sol, a seguir à corrida dos casais, pela mão de Júlio Ginja, apoiado do novilheiro que havia de arrebatá-la Lisboa, os dois ficavam apresentados. Gregório não conhecia as etentas movimentadas do Ribatejo, e foi à dos Casais — à etenta do Coimbra — por sugestão da mocinha e pela mão do maioral-mor Felício. Depois, é que soube que o honrado e destemido campino era o pai da clóira. Um almoço aproximou-os — mas, mais que tudo, uniu-os a emoção da pequena campina que chorava e batia palmas, que ficava de olhos presos na arena, enquanto ele se metia à cara do inimigo implacável!

A história de amor entre uma menina de 19 anos e um moço de 28 começou igual a todas as outras. E, um dia, em que todos à mesma lareira comunicavam do mesmo sentimento de confiança e mútua estima, Garcia, olhando a vasta campina das bandas da Azambuja, perguntou ao maioral Felício e a sua mulher Maria Adelaide:

— Eram capazes de me dar a vossa filha em casamento?

— Se essa fór a sua vontade, por que não?

Nem reticências nem palavras de entrelinhas. Gente simples, e boa, e franca, e da melhor de Portugal — esta do Ribatejo de largos horizontes!

Tudo ficou ajustado. Gregório quis casar e logo seguir com a esposa para o México — onde vai tomar alternativa de matador, donde virá, enfim, espada triunfante. Mas a mãe de Nazaré opôs-se:

— Não, senhor! Minha filha há-de levar o enxoval que durante 19 anos eu e a madrinha lhe preparámos. Só de lençóis são cinco dúzias, dos melhores, linho puro de velho arcaz português!

Nazaré tem confiança e não tem

pressa. Ela sabe que o barco que levou ontem Gregório, o noivo que de menina sonhou, quando cavalgava pela campina heróica, não será uma imagem sebastianista na sua alma de mulher. Gregório foi, mas Gregório prometeu voltar em Março para casar em Abril e quatro vezes tourear no Campo Pequeno. Ele assim disse que era, e assim é que há-de ser!

— Mas se não fór? — preguntamos a Nazaré Felício.

— É, com certeza! Mas se não viesse em Março... havia de vir noutra altura. Tanto havia de esperar que ele tinha que vir.

Nazaré Felício nasceu em Valada do Ribatejo. O pai era maioral da ganaderia de Gomes Neto Ferreira. Foi filha de dois anos do pai e tomou o lugar de afecto que a morte de um filhinho dos padrinhos deixou vago. A menina de 7 anos que devia ser internada num colégio, a educar, veio para Lisboa, para casa dos padrinhos, teve professoras em casa, aprendeu a bordar e a falar francês com uma «Mademoiselle». Depois, quando aos 14 anos terminou a educação — regressou ao convívio simples, farto e colorido do lar paterno: era preciso que a menina fosse mulher e aprendesse a ser esposa dum homem do Ribatejo... E com a mãe passou a tratar da casa onde não há criadagem. Da janellinha do seu quarto via a campina imensa e os toiros dormitando à sombra de azinheiras. O Tejo, pela invernia, vinha visitar-lhe a casa, de piso térreo. E ela, mal espregueitava a descida das águas que tinham chegado ao teto, a recuar naquelas incursões doidas pela terra — encarrapitava-se no escadote e desatava a calar a casita assçada que o intruso lhe sujara...

— Era assim, e ainda hoje é assim também! — diz ela a rir — Graças a Deus, que as chuvadas este ano ainda não fizeram o rio transbordar por estes sitios!...

Nazaré, como o noivo, é muito religiosa:

— Ele traz o retrato da mãe e do sobrinho dentro de um santuário pequenino...

E diz isto de olhos baixos, numa voz cicante, como se fosse uma prece...

— Não tem ciúmes? As mulheres adoram Garcia!...

— Eu sei que o não deixam. Mas um homem como ele não pode ter uma vida igual à dos outros homens. Tenho que me habituar... Gregório, de resto, faz-me sentir que eu pertença a um outro mundo da sua vida, e eu compreendo e respeito as exigências da sua vida social e artística...

— E quando casarem?

— A vida d'ele é no México. Vamos para lá. E não me custa. Gosto. Tenho um bocadinho de espirito de...

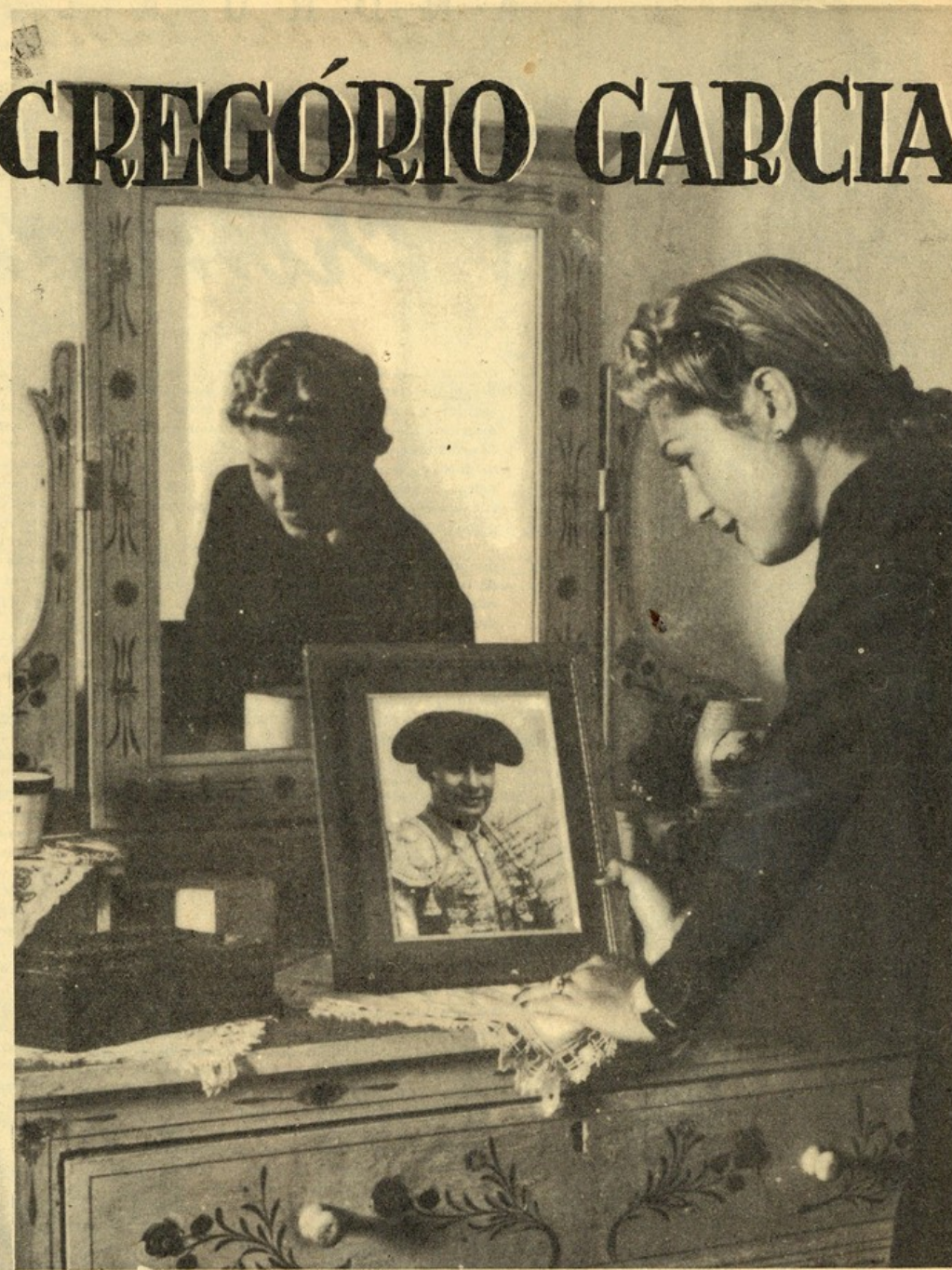
— Diga...

— ...de aventura! Sempre desejei viajar. A campina sugere mundos largos... Tenho uma tia em Londres que muito sempre quis visitar...

A pequena Nazaré — 19 anos finos, que calça bota alta e sapato de camurça a enterrar-se na lama da quinta — fala com emoção e simplicidade do seu noivo. Ele é bom e amigo de lhe fazer as vontades, quando ela o chama às realidades. Ainda o outro dia, quando ele foi tourear à Chamusca, em benefício da Misericórdia, ofereceram-lhes, no fim da corrida, um jantar, e as senhoras, todas louquinhas de entusiasmo, tinham organizado um baile em sua homenagem. Simplesmente, Garcia não tinha levado fato à paisana. Vestira-se em casa dos pais de Nazaré e meteram-se todos no combóio. No fim da corrida, ficara a transpirar e o dono da casa emprestou-lhe um fato para o jantar. No fim queriam levá-lo para o baile. Mas as calças eram tão curtas e tão estreitas e o casaco tão pequeno...

— Ficava muito ridículo e eu pedi-lhe que não fosse, e ele não foi ao baile em sua homenagem...

Tudo é lindo, tudo tem corrido como nos contos de fadas. Mas, a perturbar estas horas felizes da «Nina» — como ele lhe chama — aparecem, às vezes, cartas insultuosas de damas despeitadas ou missivas prevenidoras de que Garcia está demais ligado



Quando ele não está Nazaré procura no retrato a companhia do seu amor...

a outros compromissos, para que possa casar em Portugal. E ela, porque às cartas se esquecem de pôr assinatura — rasga-as e nem fala disso à família...

— Se eu vi o passaporte!... Se eu tenho confiança!...

Criada entre campinos, entre gente de lides toureiras — Gregório é o único toureiro que conhece pessoalmente! — ela mesma é, além de ciclista, uma valente e airosa cavaleira.

— A primeira vez que montei tinha seis anos e vestia um fato do dr. Mota Cabral, quando tinha também seis anos! E, sabe? Gosto de conduzir carruagens! Gosto de dominar os cavalos atrelados a uma «charrette» e sentir que dentro e à mercê do meu pulso vão outras vidas que confiam em mim! Quando Nazaré está em casa, é ela que amassa o pão e quem cozinha. Preguntamos-lhe se Gregório come bem, e ela ri:

— Tem boa boca! Gosta sempre!...

— Principalmente se é ela quem cozinha — atalha a mãe...

A filha do maioral-mor da ganaderia de Assunção Coimbra corre para o combóio que passa ao fundo da quinta. O noivo ia passar, a caminho de Espinho, onde toureou no domingo. Da janela, atirou-lhe com revistas, jornais — e um bilhetinho...

Agora — vai a caminho do México. A noiva veste de luto o coração e de lágrimas os olhos. Aquelas, algumas da alta — como ele disse — que se divertiram à sua custa, vão sentir a falta de Garcia. Lisboa também tem saudades — Portugal tem saudades desse moço audaz e mexido que fez mais em cinco meses que Afonso Henriques em toda a sua vida: conquistou o país e ainda leva o coração da mais linda

filha da campina — fora uma pequena grande fortuna e quatro lindos fatos, a nove contos cada... Isto é o que se chama em português castiço, como o sangue toureiro de Garcia: leva-o dado e arreigado!...



Nazaré monta bem, mas o cavalo está com vontade de cuspir a cavaleira!

(FOTOS SERODIO)

Excelente bordadeira, trata do enxoval com amor.

Não sabe só amassar pão. Os petiscos que cozinha há-de comover o marido...

Mãe e filha tratam da criação, como excelentes lavradoras que se prezam de ser.

AS MULHERES AMAM os criminosos?



Não é verdade que Landru tinha «apitomb»?

TEMPESTUAVA com inclemências de chuvas chicoteantes e desabrida ventania, na frigidíssima madrugada de 25 de Fevereiro de 1922. Desde a meia-noite que começaram a formar-se grupos indecisos de mulheres ávidas de assistir ao último momento do homem que tão grande influência e domínio exercera sobre o coração feminino. A chuva passara, mas deixara-as tiritantes, encharcadas. Eram 5 horas da manhã. Apesar do frio agudíssimo, cada vez era mais compacta a multidão. Destacava-se na dianteira dessa massa enorme, o cortejo extático e ansioso de mulheres que choravam em silêncio, num transe de compaixão onde a piedade se misturava com um langor voluptuoso de admiração por esse homem que ia pagar à morte o tributo da mais trágica das farsas. Quem era esse herói que tão veementemente suscitava a simpatia e a ternura das mulheres deliciadas e aterradas com a auréola romanesca que elas próprias lhe ofereciam, engrinaldada de indízieis comoções? Um ídolo que ia entrar na imortalidade como os homens de génio? Tratar-se-ia dum grande escritor ou dum artista já célebre? Não. Era apenas um criminoso — o mais frio, imperturbável e cínico bandido de todos os tempos. Os seus crimes indicavam uma alma infernal, revelavam um monstro

que atrás de si deixara uma orgia de sangue. Mas deram-lhe, também, a celebridade dum irresistível sedutor, à volta do qual se criara a lenda romântica dum fascinador — encarnação de Satan em D. Juan. Esse homem atraente, de voz doce, olhar veludoso e magnético, exprimindo ternura, insinuante, de maneiras elegantes, amável, sorridente, bem disposto, conversador fluente e agradável, esse homem por quem 283 mulheres se apaixonaram presas pela vivacidade do seu espírito e pela atracção de abismo que dimanava de toda a sua figura, esse Mefistófeles de barba preta que conquistara o coração das mais rebeldes, das mais orgulhosas, das mais desconfiadas, chamava-se Henrique Desiré Landru.

A sua cabeça de Lovelace de quarenta anos caiu no «panier» da guilhotina de Versailles naquela manhã fria de Fevereiro. Eram seis horas e quatro minutos. Naquele momento, o mais inteligente de todos os «scrocs» e o mais metódico dos assassinos, ganhava a posteridade, tomando um lugar à mesa eterna onde se sentam, para o banquete da Imortalidade, os que tentaram a Glória. As seis horas e cinco, milhares de mulheres em toda a França resavam por esse perfeito «gentleman» da Tentação — um demónio galante que a morte redimia de todas as culpas e passava, coroado de rosas sangrentas, como um Apolo magnífico, debaixo do arco de triunfo da adoração feminina. Nunca um monstro humano foi tão amado depois de ter pago com a vida os crimes de facinora. As mulheres não quiseram recordar que o bandido de Gambais assassina friamente e queimara depois, no forno da sua «vila», grande número de mulheres apaixonadas. Landru era apenas um amoroso sádico a que o destino, imperador dos amantes, destinara um signo fatídico. A popularidade que os jornais lhe fizeram dias antes da sua cabeça cair na guilhotina, estimulou o «interesse» feminino. Encheram-se colunas narrando as aventuras do sedutor emérito, e apareceram títulos sugestivos atraindo a morbidez dum admiração ilimitada por essa personagem de folhetim que sabia beijar e ensinara à morte o segredo dos seus beijos: «Landru, assassino de mulheres», «O Barba-Azul de Gambais», «Um fregoli do crime». Lembravam-se só da sua cabeça altiva no julgamento mais memorável deste século, daqueles olhos negros que fulguravam num brilho intenso e, sobretudo, daquela eloquência de concisão em que as palavras eram golpes de mestre na esgrima dum raciocínio admirável e dum inteligência cheia de destreza e de personalidade. Landru desaparecera. O maravilhoso sedutor entregara a vida à sua última amante — a guilhotina. Mas não morrera no espírito das mulheres. A sua sombra andava em todas as imaginações. A simpatia irradiante do miserável prolongava-se para além da morte, e não foram poucas as mulheres, até então indiferentes, que começaram a sentir pela sua memória veneração e saudade — uma espécie de amor platónico.

Todos os psicólogos estão de acordo neste ponto: a mulher ama os criminosos. Sente uma involuntária atracção, uma inexplicável deslocação da sua vontade... É este o «caso» da celebridade de Landru, a sua legenda de carácter sentimental...

O repugnante vampiro de Dusseidorf recebia diariamente na prisão centenas de cartas das suas «admiradoras». Outros grandes criminosos sentiram à sua volta a simpatia da alma feminina, afecto que não pode, de forma alguma, confundir-se com um simples impulso de compaixão...

O sangüinário «Lampião», que chefiava o mais temível bando de celerados que assolou os sertões do Brasil, imperando como soberano das catíngas nordestinas, inspirou inúmeras paixões. O contraste com Landru é evidente. «Lampião», fisicamente, é lamentável: uma figura achaparrada, desajeitado de membros, qualquer coisa de simio e de gato selvagem na fisionomia idiota, cego do olho esquerdo, antipático e terrível. Matava por um instinto feroz.

mas gostava de saborear o suplicio lento das suas vítimas. A sua faca espalhou entre as populações sertanejas o pavor.

As suas audaciosas incursões ficaram assinaladas pelos mais horripilantes actos de crueldade. Não houve atrocidade, por mais espantosa, que ele não cometesse, ébrio de sangue. Uma fera humana. Da vastíssima galeria das suas apaixonadas, destacam-se aquelas que tudo abandonaram para o seguir. A última foi Maria de Deia que, impressionada pelas façanhas do bandido, deixou o marido «com quem vivia tranqüilla e honestamente» e passou a acompanhar «Lampião» nas suas trágicas aventuras. Tratava-se duma cabocla jovem e bonita. Uniu-se a esse homem hediondo, porquê?

Espirito de aventura? Exaltação imaginativa? Talvez... — mas sem dúvida a tal simpatia impulsiva, ardente, irrefreável, que a mulher sente pelos criminosos.

«Lampião» foi um tigre. Alava à malvez a ignorância boçal. Landru foi, aparentemente, um cavalheiro. Juntava à distinção de maneiras uma inteligência vivíssima. Pode admitir-se que o tivessem amado, e que continuassem a amá-lo, mesmo quando já não existia.

Mas como explicar por que, se sentiam atraídas para «Lampião» tantas mulheres que enchem a sua existência encharcada em sangue?

Os que estudaram o coração feminino não saberão responder. Alguns eminentes professores de medicina explicaram, como o dr. Maurice de Fleury, que o amor é uma intoxicação — ou uma nevrose, como concluiu o dr. Kraft Ebnig. O dr. Feré provou que a paixão é uma doença mental, e o dr. Franck observou que «ninguém se torna louco de amor senão quando tem um amor de loucos».

Deixemos a família nevropática das amorosas à investigação dos homens de ciência — e prendam-se o amor-Lampião, o amor-Landru, para sofrer a imaginação dos romancistas...

JORGE RAMOS



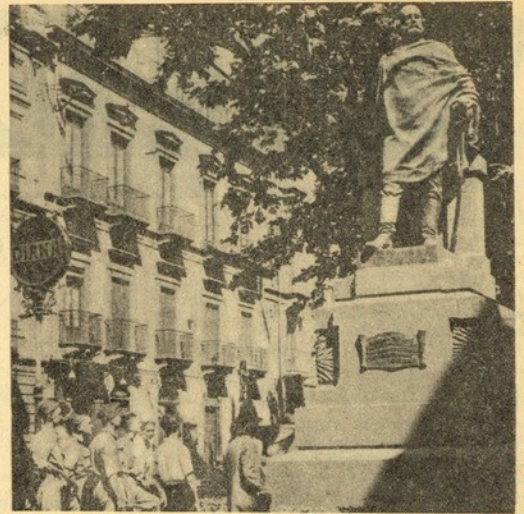
«Lampião», aqui, já parece menos «Don Juan»...

A INVASÃO DA ITÁLIA

ASPECTOS TRÁGICOS E HERÓICOS DE UMA FASE DA GUERRA



Na estreita de Messina, este barco que serviu para o transporte de tropas, afoga-se num derradeiro adeus à vida...



Os soldados do 8.º exército, mal desembarcam, tomam contacto com os monumentos italianos e prestam homenagem aos seus filhos, grandes pela inteligência ou pelo espírito.



Uma estação do caminho de ferro quasi ficou destruída pelo efeito das bombas. Quanto tempo levará agora a restaurar tudo isto?



Quatro anos depois da Alemanha ter declarado guerra à Inglaterra, as tropas expedicionárias aliadas tomam contacto com a península italiana — primeira etapa da marcha sobre o continente europeu.



Em Reggio. A vitória veio, mas não foi tão fácil como poderia supor-se. O inimigo, fortemente defendido e certo do seu destino, soube ser vencido.



O inimigo, na sua retirada, nem sempre tem tempo de subtrair aos recursos aliados o material de que se serve em batalha. Os oficiais da R. A. F. para lá de Messina, avaliam a contribuição...



Ainda em Reggio, as forças do 8.º exército desfilam triunfantes. Montgomery de pé, assiste ao desfile com o parecer bem disposto já conhecida do mundo...

CALCADA DA GLÓRIA

HA quem diga que os grandes estômagos são incompatíveis com os grandes cérebros. Os factos demonstram-nos que nem sempre isto é exacto. Não saindo mesmo dos domínios literários, basta lembrar os casos, universalmente conhecidos, de Alexandre Dumas, pai, de Vitor Hugo e de Balzac. Na verdade, Dumas comia imenso; Vitor Hugo devorava; Balzac fazia refeições com dez e doze pratos. Os seus maravilhosos estômagos nunca comprometeram, porém, o esplendor dos seus maravilhosos cérebros. Nós próprios temos tido — e temos — escritores que escrevem bem e comem bem. Henri Lavedan disse, uma vez, que o homem de letras devia comer pouco. Teófilo Gautier sustentou sempre a opinião contrária. Quem terá razão? Seja quem for aqui está um assunto apetitoso: «Como comem os nossos homens de letras?». Não é fácil, em duas simples colunas, dizer como todos eles comem, mas não será de todo impossível dizer como comem alguns deles.

II II

Júlio Dantas come com sobriedade. O seu punho de renda não serviria a Pantagruel. Mesmo nos banquetes oficiais a que tem de assistir — e fá-lo sempre com amável sacrifício — a sua presença é mais literária que culinária...

II II

Aquilino Ribeiro come bem, ao almoço. Sopa, dois pratos, fruta, café. O seu jantar é mais frugal. A semelhança de lord Ross, um bom bife, em estilo inglês, constitue para Aquilino um prato digno e forte.

II II

Ramada Curto gosta, inteligentemente, de coisas boas, mas troca tudo por um bom café. Como Voltaire, entende que o café é um infalível veneno — que leva oitenta anos a matar...

II II

Cardoso Marta tem — porque não dizê-lo? — o prazer da mesa. Para ele um bom almoço ou um bom jantar recompõe o corpo — e reconforta a alma. O seu apetite é célebre. Não menos célebre é a sua frase: «Mórta Marta, mórta farta».

II II

Aquelles que porventura supõem que os poetas vivem de espumas poriam certamente os cabelos em pé, se vissem o monóculo de Afonso Lopes Vieira debruçado sobre um succulento prato de iscas ou uma ressumante caldeirada à fragateiro. E, *malgré tout*, nada mais exacto. O Poeta do Pão e as Rosas oscila, culinariamente, entre o *soufflé* — e a orelheira com feijão branco.

O JORNALISTA FERNANDO TEIXEIRA



Conheceram pessoalmente, o duque d'Elchingem? Não conheceram? Nem eu. Dizem-me, porém que este duque tinha uma invencível antipatia pelos jornalistas. Ent ouvindo falar em jornalistas todo ele se encrespava como um ouriço grave e mal disposto. Um dos seus grandes amigos era M. de Woestyne. Certo dia Woestyne enveredou pelo jornalismo — e d'Elchingem cortou as relações com ele. Ora o jornalismo, como em todas as profissões, há bom e mau. Em regra até, os jornalistas são bons rapazes. Como toda a gente, têm os seus defeitos, mas se fossem bacteriológicamente perfeitos, não conviriam talvez aos próprios jornais. Seja, porém, como for, tenho o prazer de lhes apresentar hoje, pendurado no bico da pena, um bom jornalista que é, ao mesmo tempo, um bom rapaz: o dr. Fernando Teixeira. Conheci-o aqui na «Vida Mundial»; hoje se o quero ver tenho de ir ao «Diário Popular», onde ele chefia a redacção, ou ao «Diário de Notícias» onde ele orienta o estrangeiro. Mas, aqui ou acolá, o jornalista dá o braço ao bom rapaz — e, através dos óculos graves que parecem de professor de matemática, piscam uns olhos risonhos e acolhedores... Não será D. Fernando, o Formoso, mas) como diria certa rapariga que eu conheço, é D. Fernando, o Simpático...

António Ferro não resiste a um prato de doce. Para o doce vão todas as suas preferências. Ele que é, por natureza, uma pessoa decidida, enche-se de hesitações diante duma mesa coberta de doce — sem saber por onde há-de principiar...

II II

Gustavo de Matos Sequeira, em regra, come pouco — e quasi sempre à pressa. Um prato de sopa, uma fatia de queijo, um gólo de vinho — eis para ele um banquete. Janta em cinco minutos — para poder estar depois uma hora à mesa a conversar ...

II II

Francisco Lage não é apenas um excelente *gourmand*: é também um excelente *gourmet*. Conhece, como poucos, o bom paladar. É um erudito da cozinha. Se amanhã se criar em Portugal a Academia das Ciências Culinárias, Francisco Lage será, sem dúvida, o seu secretário perpétuo...

II II

António Corrêa de Oliveira sabe o que é bom, mas resigna-se ao que é mau. Se lhe derem ao jantar faisão trufado — ótimo; se lhe derem apenas uma còdea de brã — paciência.

II II

Augusto da Costa dá, a quem o vir, a robusta impressão duma pessoa que come bem. Não enfileira entre os gastrónomos profissionais, mas um bom almoço e um bom jantar — come-o.

II II

João Ameal come regularmente. Entre o picante e o doce — opta pelo doce. A sua *História de Portugal* consumiu-lhe alguns anos de trabalho — e alguns milhares de rebuçados.

II II

Ferreira de Castro não come muito. As suas preferências vão, entretanto, para certos pratos da cozinha portuguesa. Entre um prato de cocottes *au robe-de-chambre* e um bom bife à inglesa, não hesita: decide-se por uma caldeirada...

II II

Hernâni Cidade, quanto aos prazeres da mesa, é eclético. Aquilo que o contenta não é precisamente a mesa, mas o convívio que à sua volta se faz. Em todo o caso, se a esse convívio se juntar um bom petisco — é oiro sobre azul...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Depois de Quebec...



Em Quebec, o Comitê Francês de Libertação foi reconhecido sob certas reservas, pelos Estados Unidos, Inglaterra e outros países aliados. Eis o general Giraud presidindo, na Algéria, a uma das reuniões do Comitê. A sua direita, o general De Gaulle.



O capitão Ed Rickenbacker, depois de Quebec, foi designado para uma missão oficial em Moscovo. Outra figura abrangida pelas resoluções após as conferências de Quebec: Sumner Welles que se demitiu por discordar de Cordell Hull, no que respeita à questão russa. General Paget que, foi nomeado comandante-chefe das forças aliadas na Europa.

SOBRE as últimas cenas do palco de Quebec fecharam-se, discretamente, as cortinas da expectativa mundial. Os chefes de meio mundo — Churchill e Roosevelt — apertaram-se as mãos sorrindo confiados, e os exércitos anglo-americanos, ao clangor do entusiasmo italiano, contido aqui e ali pelo pulso alemão — extravasava a sua acção para além do Estreito de Messina. Como um eco das vozes que soaram veladamente nos salões do palácio de Frontenac — os canhões soaram mais forte no território italiano, francês, alemão e na imensidão do Pacífico. Aqui, principalmente. O Japão ocupou um grande lugar nos planos de Quebec — porque a América, que tem dado a maior contribuição para o esforço de guerra, não pode esquecer-se da regularização de assuntos com o seu inimigo n.º 1, o vizinho japonês, que é o primeiro elemento na frente de batalha, em relação à América. Soong, ministro chinês nos Estados Unidos, foi muitas vezes ouvido em Quebec — e enquanto que Mac-Arthur anunciava pouco depois que os «acontecimentos de Salomão» eram apenas uma preparação decisiva, Kiska transforma-se em ponto de partida para os aviões que pode bombardear Tóquio.

Quere dizer: a América, que ajudou à vitória em África e está presente nas operações em Itália — prepara-se para fazer a sua guerra. De certo modo e até certo ponto apenas, o Reich passou para segundo plano de operações: Hitler não poderá ir muito além, no entender dos norte-americanos — depois do Japão prostrado. O auxílio à China, que acabara havia pouco, de sustentar a avalanche japonesa sobre a sua capital — ocupou, como não podia

deixar de ser, um papel predominante na conferência, porque os Aliados sabem que uma China vencida é uma ponte sobre a Índia — e a Índia é o caminho do Ocidente, onde a Alemanha não pode, entretanto, deixar de ocupar as atenções de todos.

Por outro lado, a ausência da Rússia, que não podia fazer-se representar numa conferência em que se tratava principalmente do plano de ataque a uma nação da sua amizade, ficou plenamente esclarecida. Entre os anglo-americanos e os russos alguma coisa se sente existir, porém. Admitindo que a presença de Litvinoff em Moscovo, na altura das conversações anglo-americanas, tinha por fim a recolha de elementos precisos, no momento em que possivelmente a Rússia estuda problemas delicados a regular com os seus aliados — temos depois o discurso do sr. Eden, que vem dizer ser necessário que a confiança exista de parte a parte, para um completo entendimento, visto a Inglaterra nada poder fazer contra a desconfiança russa...

Em boa verdade — deve dar-se o contrário do que Eden exprime ser desejo de ingleses: desconfiam uns dos outros... Mas do que não resta dúvida é de que a questão das condições da paz com a Itália e com outros países que por ventura venham a pedi-la — ocupa nessa desconfiança mútua e no ressentimento russo um ponto delicado que por agora é impossível aprofundar. A Rússia, com os exércitos a suportar o peso da guerra com a Alemanha — não pôde ver com bons olhos a «consulta» das condições de paz com a Itália, que só pôde ser presa fácil quando os seus exércitos haviam sido desgastados na Frente Leste.

Por outro lado, Staline, consultado a propósito de compromissos futuros, no pós-guerra — contradisse-se no que se referia à submissão aos pontos da Carta do Atlântico. A Polónia, a Finlândia, com problemas enraizados no ante-guerra, deixam ainda de pé a trágica ameaça de um futuro sombrio...

Enfim, as vozes de Quebec foram substituídas por uma actividade de canhões que ameaça derrubar a fortaleza europeia, desde a Itália aos Balcans, passando pela França e pela Noruega. Mas para lá do cimento armado, do betão e dos canhões que defendem a Europa — os problemas do ante-guerra mantêm-se quasi com a mesma angústia, os mesmos homens, os mesmos erros de ambições e cobiça.

Quebec — e depois a conferência Roosevelt, Churchill e Estaline — esforçam-se por que o mundo do pós-guerra seja quanto possível limpo das podridões de ontem. Até que ponto o conseguirão — isso é que nem eles com certeza o sabem. Se, entretanto, tanta dor, tanta destruição, inteligência e boa vontade não conseguissem sanar o mundo das suas chagas — valia a pena perguntar, no sentido das afirmações de Eden:

Para quê? Sim, para quê, esta guerra?

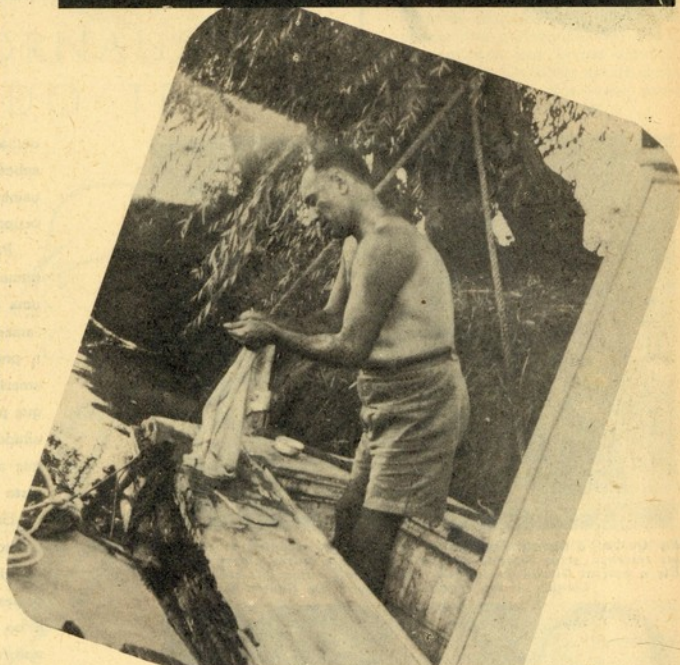


Entre as muitas resoluções tomadas em Quebec, a intensificação da guerra contra o Japão ocupou o primeiro plano das conferências. Lord Mountbatten, primo do rei de Inglaterra, até há pouco chefe dos comandos britânicos e especialista de novos métodos de desembarques, acaba de ser nomeado comandante-chefe das forças aliadas na Ásia do Sudoeste. Mountbatten esteve em Quebec, onde tirou esta foto ao lado do general Arnold que comanda as forças aéreas dos E. U.

NARRATIVA ROMANCEADA
DE QUATRO DESPORTISTAS
QUE FORAM DE PAÇO D'ARCOS
A SANTAREM PELO TEJO



Dois «Tarzans» da selva alfacinha resolveram fazer coisa nunca vista, nestes tempos mais próximos: subir o Tejo num burquito, tipo «Mare Nostrum».



Dai a pouco os dois «Tarzans» eram quatro e os barquitos eram dois. De Paço de Arcos a Santarém a viagem havia de ser pitoresca! E, de facto, foi uma coisa engraçada...

Os dias, porém, eram duros. Era preciso tratar a bordo do «menages» e descer à margem do rio para lavar a roupa com cuidado e absolutamente impecáveis.



Mas o pior foi quando apareceu esta manada de bois a querer passar a vau! Ah! nem se fala do susto em que se viu um «Tarzan» em cuecas!



Lindos trechos de paisagem como este passaram a ser o encanto dos olhos e a tentação do fotógrafo. Nem havia mãos a medir, à passagem por Valadas!



Enfim, o que valeu, realmente, foi que em Santarém um belo grupo de rapazes e raparigas esperava os quatro «Tarzans» amigos do desporto náutico: V. Mola, Hernâni Lopes da Silva, Eric Whiting e Vitor Moleira Rato, que nos deram o belo exemplo deste passeio, na esperança de que, no próximo ano, uma grande flotilha singre, rio acima, até à cidade scalabitanu. O Tejo é navegável, mas até hoje só o têm navegado a caminho da foz. Esta viagem que acabamos de relatar é a primeira que se faz — ao contrário do curso das águas. Quem a querera imitar?

DA GALERIA DE LE NOTRE:



O oficial Júlio da Costa Pinto, quando ajudante de campo do general Alvaro Rossadas, em Angola

O ÚLTIMO MOSQUETEIRO DE EL-REI: Júlio da Costa Pinto

JORNALISTA, OFICIAL E PANFLETARIO

OS contornos deste mundo fervilhante da Lisboa post-revolucionária — e na qual se dilue, em altas temperaturas, a ossamenta da sociedade que existia para se definir na gelatina ainda flexível do Portugal renascido — começa a tomar os tons azulados, violetes na sua violência fundidora, de um magnífico pôr-de-sol. Já lá vão trinta e três anos, só restam causas arquivadas, pitorescas recordações, anedotas estimulantes... E, uns lustros mais, e apenas memória de nós próprios seremos, escassa, fugaz, dispersa. Depois, virá a paz grande dos eternos olvidos, a reversão peremptória numas quantas velhas casas, nuns quantos velhos papéis.

Até que nos chegue, em ondas bravias de reparadora justiça, a Aleluia da História. Haverá, então, uma pequena historiografia dessa época comovente, dilacerante, em que todas as proporções emotivas se excederam, tendo-se a noção recém-adquirida de novos valores e medidas? Tudo indica que sim. Tenta-se, mesmo agora, um esforço inédito de imparcial reconstituição, e os sobreviventes desta época diluviana, embora não possam possuir a menor noção do futuro imediato, sabem, desde já, haver naufragado tudo, das barbas conselheiras do conselheiro Pacheco, à constitucional reverência dos oficiais de Évora-Monte; da abnegação tumultuosa e inútil dos conspiradores de 1910, à previsão orgânica dos sindicalistas da Casa Sindical; da gestação, a hora fixa, de movimentos revolucionários, à teimosia romântica de Paiva Couceiro.

Há coisas e pessoas que, substancialmente e nominalmente idênticas, sofreram tão íntimas alterações que nada sobrevive delas, excepto a designação jurídica ou parouquial. Os textos diferem, na sua interpretação, literalmente, do seu contexto. Ficam-nos a esperança na imersão de um Le-Notre: de um homem disposto à paciência infinita de restaurar esse universo de miniaturas. Terá, o provável construtor da pequena história, de experimentar distintas tonalidades, e fundamentalmente de encontrar o filtro vital para pôr em movimento esse mundo que já lá vai.

E, na galeria ainda confusa desse provável Le-Notre, há personagens vincadas de tão singular individualidade que a sua pluralização é impossível. Um, ainda perpassante em plena mocidade, timbrada a figura de qualquer coisa de ingenuamente dinástico, e reconhecível pela fulgurante cintilação do seu espírito inquebrantável, é o comandante Júlio da Costa Pinto. Dispõe de vida própria e inconfundível, carácter sóbrio e pertinaz, e sempre o encontramos, camarada de jornalismo, aberto, leal, de inexecelável franqueza, marca da sua nobreza, amigo de todos, íntimo de ninguém.

Há vinte e cinco anos, talvez mais, talvez menos, o oficial-ajudante de Alves Rossadas, Júlio da Costa Pinto, era separado do serviço. A sua actividade, embora embrionária, não agradara. Valente, atrevido, indefectível, mantinha as altas qualidades de comando, assinaladas na Escola de Guerra, de onde saíra aos dezasseis anos com os galões de alferes.

Ainda na semana passada, no remanso conventual da sua casa, Júlio da Costa Pinto recordava a vida e os sacrifícios de ontem, ordenando ágilmente o passado, de que nos separava, rósea, transparente, a alvorada fidelíssima de um simples: hoje. Tudo reaparecia no recorte nitidíssimo do lusco-fusco. As lutas, as necessidades estoicamente sofridas, a permanência à palavra dada, a gradual alteração, no tempo e no espaço, de si próprio, a verificação exacta, cronométrica, de que mudámos de um planeta para outro.

Teve de viver do jornalismo, este homem vibrátil e intransigente, aqui em Lisboa e no estrangeiro. Serviram-lhe, para a dolorosa transição e adapta-

ção, as suas extraordinárias qualidades. Muito trabalhador, dotado de preciosos méritos de método, durante o tempo em que tipografal no «Liberal» observava que ele era sempre o primeiro redactor a entrar e o último a sair. A sua grafia é como ele: alta, esgaldada, rectilínea e firme. Eis um dos mais curiosos casos de perfeita harmonia grafológica: escrevia em qualquer papel, sempre do mesmo modo, mas com uma variedade de temas equivalente à sua plenitude e, para nos permitirmos um vocábulo mais definidor, precocidade intelectual. E, se possível fosse atribuir uma cor própria a cada escrito, diríamos que escrevia com tinta morena, idêntica à da sua fisionomia severa de alentejano e africanista angolano.

Mas em tudo, no transcorrer de vinte e cinco anos, sempre o oficial sem ordenancismo; o revolucionário sem constrangimento; o monárquico sem ódios, antes estimado por todos os republicanos; e o jornalista que escreveu uma das primeiras secções de comentário histórico, político e militar — da outra guerra.

Género novo, difícilíssimo, condensado no decorrer da escaldante polémica sobre a conveniência de ir à guerra e como ir, quantas amarguras não sofreu Júlio da Costa Pinto — nada político, antes sendo a antítese de tudo isso que, nessa época, mesmo na oposição, quando não era proveito era honra — para manter, tónica, imparcial tecnicamente, como duplo responsável em jornalismo e ciência militar, esses artigos que assinava «l'Aiglon» — o Filho da Águia numa evocação napoleónica do herdeiro do grande Corso!

E, no entanto, Júlio da Costa Pinto, combatente «número um» da República, atravessou Lisboa ainda nos mais movimentados dias e jamais sofreu a menor desconsideração. Pode, mesmo, afirmar-se, sem necessidade de testemunhas, que os seus melhores amigos eram os republicanos e os operários. Respeitavam nele o inimigo de carácter firme e o espírito inalterável de ousadia. Ele, hoje, já na casa dos cinquenta, ao evocar esses tempos, sorri-se, tal como Rocha Martins, outro homem infatigável mas que soube modelar a sua vida por suas próprias mãos.

Vai desaparecendo esta raça de gigantes; porém, entre os que perduram, assinalam-se estes troços viventes da epopeia, e entre os quais fica bem a esparzana simplicidade de um almirante Gabeçadas, a cintilação de um professor Ferreira de Mira, mestre de muitas gerações de médicos ou jornalistas; ou a perduração de um almirante Tito de Moraes — todos antepassados de si próprios, na limpeza e mocidade dos seus escudos republicanos, e na elevação com que defrontam a vida.

O último mosqueteiro d'El-Rei, mostrava-nos, há dias, após uma longa colecção de retratos da senhora D. Amélia, de D. Manuel e outros, que pertencem à sua intimidade, aqueles que se destinam ao adorno deste apontado de dispersas notas.

Sempre trabalhador e inflexível nas suas regras de higiene militar, fofeou, por fim, a colecção do «Liberal». Mês após mês, os dias encadeavam-se com a sua secção em destacado cursivo. «Itálicos», chamamos nós, em toponímia gráfica. Há comentários de guerra e notas de curioso sabor sobre coisas da capital desses tempos. Eu bradei:

— Um quarto de século já!

E Costa Pinto, breve, correcto, inalterável, na sua amizade constante e seriamente risonha:

— Não se queixe! Já passei o meio século e ainda penso em me sobreviver. Por exemplo: não sabe o que tenciono fazer a esta colecção do «Liberal»? Tenho-a marcado, ultimamente, para não me esquecer de várias coisas curiosas. E que tenciono fazer uma oferta. Devo dizer-lhe que esta colecção é, que me conste, exemplar único... Pois...

E eu, para acelerar a notícia, interrompi:

— Pois...

Não gosta muito o jornalista Costa Pinto de interrupções. Nisso é igual a todos os que, escrevendo muito, falam pouco. Adverti o desprazer e emendei: — Desculpe-me!

— Não tem importância. Pois... a oferta vou fazê-la ao «Grupo dos Amigos de Lisboa». Melhor que eu podem guardar este jornal cuja história, incompleta ou alterada, está por fazer. Todos nós pertencemos a um mundo desaparecido. As missões que o Criador nos encomendou encontram-se, de um modo geral, cumpridas. Tudo pertence à nova mocidade, a qual bate aos portões da História. Mas bate com uma catapultada chamada avião, serve-se de uma mentalidade completamente distinta e já não nos entende, cometeria, mesmo, uma indignidade se usasse uma só palavra ou jeito do português arcaico de há vinte e cinco anos.

— Está revolucionário, comandante...

— Conservo, somente, o senso da realidade.

E assim ficámos, na muda reconcentração dos nossos romantismos deslocados, escavacados, moldos, feitos números, técnica e outras realidades erríveis, cuja trajectória nos é incensurável como o próprio Infinito.

Este homem férreo, lutador de trinta e mais anos de forte batalhar, e que, através de tudo se conservou um crente na sua religião, no seu rei, nos seus amigos; este notabilíssimo cavaleiro, cuja vida é um donativo perpétuo; ele, o escritor, o jornalista, o militar em tudo e através de tudo, o companheiro lealíssimo de quantos passaram por redacções ou cafés — está impossibilitado de crer neste universo em liquidação e privado da menor noção de equilíbrio.

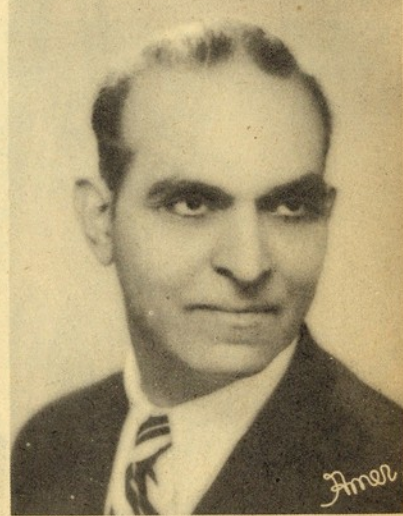
As realidades nunca foram tão doridamente contingentes, marcando-lhes, externamente, a alteração frenética e impossível, o selo comum de todos os continentes e seus conteúdos:

— Queremos acreditar, seja no que for, e não encontramos o menor ponto de referência.

Por isso, ante o tumulto espantoso das forças extra-naturais em choque, nunca foi maior o silêncio dos espíritos. Nem protesto nem aplauso. Muda contemplação, apenas, de construções e especulações sistemáticas, algumas milenárias, e das quais, na palma da mão do Homem, civilizado ou primitivo, só ficaram uns punhadinhos de poesia.

Na vida fantasmal de hoje, o último mosqueteiro d'El-Rei ainda conserva o travo das lutas que viveu. Nós, nem isso. Os nossos filhos ou sobrinhos compreenderão, ao menos, a inércia de inválidos em que a fatalidade dos acontecimentos nos colocou?

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA



Júlio da Costa Pinto — máscara magnífica de sofrimento, espírito e inteligência

A CIDADE PROLONGA-SE

ARREIRO ATRIO DE LISBOA

Por CORREIA DA COSTA



Numa grande ferradura, ao centro, desenha-se a massa enorme do edifício do Instituto Superior Técnico...

Achamos natural o apontamento de alguns detalhes a corrigir, dando a esse bairro dos Actores mais harmonia e um conjunto mais agradável. Vejamos quais são:

Na rua Carlos Mardel deviam ser floridos os rés-do-chão de alguns edifícios recuados um pouco do alinhamento e que assim são uma frieza e de uma fealdade manifestas. No fim da citada artéria em frente da rua chamada Actriz Virgínia, onde há um espaço triangular de terreno vasto, devia ser construído imediatamente um jardim para crianças, prestando-se o local a uma bela obra de puericultura.

Porque não se evitam já as construções nesse local tão arejado e amplo? Na creche do Alto do Pina, que felizmente tem um belo equilíbrio arquitectónico, com os seus quatro torres ponteadas, devia colocar-se desde já uma grade, com um muro de dois metros de altura com gradeamento, alinhando e aperfeiçoando o embelezamento desta praça sub-urbana.

No final da venida Almirante Reis, hoje vindo até ao término da linha do eléctrico do Arreiro, há o esboço e o delineamento duma praça, que será a última praça da capital na direcção norte e a caminho de Sacavém e do aeroporto da Portela do mesmo nome.

Essa praça devia ser imediatamente ajardinada e urbanizada. Chamamos para este facto a atenção do nosso Município, sempre e em todas as épocas cheio de boas intenções de embelezar e aperfeiçoar a capital.

Disfrutava-se dessa futura praça (porque não chamar-lhe Praça da Estremadura?) um maravilhoso cenário estremenho, ainda com algumas quintas e casas apalaçadas, restos da grandeza excêntrica dos fins do século XIX. Bairro pleno de comodidades, com bons meios de comunicação eléctrica, com o desfrute dum admirável ar que ventila e higieniza os lares e as casas e que na opinião de vários médicos é dos melhores dos arredores da capital. Ele merece as atenções do Município lisboeta e dos «Amigos de Lisboa» para ser alinhado, aperfeiçoado e melhorado. Urge também a plantação de árvores em algumas ruas, sobretudo a do actor Isidoro e Carlos Mardel e o arranjo da pequena praça junto da rua Dr. João de Meneses e Barão de Sabrosa, rua onde há uma igreja vanguardista de belo recorte e que honra a nossa arquitectura, obra do arquitecto Raúl Tojal e de seu irmão sr. Diamantino Tojal.

Como fecho de glória possui esse bairro um mercado de linhas harmoniosas e modernas que é das melhores obras de aperfeiçoamento e de aforamento de Lisboa Moderna, a Lisboa de 1943. Com a sua recente inauguração ficou essa zona da capital com um melhoramento dos mais honrosos e dos mais necessários, com que uma cidade ocidental pode orgulhar-se.

Ramalho Ortigão sentenciou: «Só uma sólida base arquitectural pode estabelecer plano de conjunto». De facto devemos fazer todo o possível pela propagação e pela inteligência, para melhorar o urbanismo lisboeta. Num dos

(Continua na pág.)

COM um progressivo desenvolvimento em todos os bairros e direcções, Lisboa, a velha Olissipo romana, é hoje uma cidade europeia, tumultuante de movimento e de constante frenesim cittadino.

Se nem sempre se tem mantido uma «constante» arquitectónica, alguns bairros dão-nos, felizmente, arruamentos modernos, arejados e plenos de relativo e equilibrado bom-gosto e que precisam ser revelados.

De há muito lastimamos a não existência sub-urbana de um bairro D. João V, em que as ruas, as praças, as escolas, os edifícios oficiais, as igrejas, o cinema, fossem desse maravilhoso estilo arquitectónico, aquêle que melhor se casa e harmoniza com a luz atlântica e com o deslumbramento dos nossos meios-dias e entardeceres apolíneos.

Última cidade da Europa, acaba aqui um continente, «esse pequeno cabo da Ásia», como disse Paulo Valéry.

O aproveitamento da luz e dos horizontes, deve ser uma regra geral de urbanismo e a sua mais nobre exigência.

É um axioma indispensável. A circunstância de conhecermos intimamente o Arreiro e o seu vizinho Bairro dos Actores, leva-nos a alguns pequenos comentários de urbanismo e de diletantismo observador, para o qual chamamos a atenção dos leitores. O traçado da avenida

Almirante Reis, actualmente a maior artéria da capital, com o seu arranjo que lembra um pouco o do «boulevard» Raspail, em Paris, desemboca na praça do Chile, infelizmente sem o projectado monumento a Fernão de Magalhães, oferta de há muito feita pelo governo chileno, num gesto de bela amizade luso-sul-americana. Essa estátua seria dum belo arranjo estético e serviria de embelezamento de um conjunto de construções, por vezes irregulares e um pouco bisarras nas alturas e estilos.

Seguindo ao norte o prolongamento da Avenida Almirante Reis, temos à esquerda a Alameda Afonso Henriques, dum firme arranjo urbano, por sua vez dando um destaque felicíssimo ao edifício do Instituto Superior Técnico. Vista do alto da rua Garrido, essa esplanada é uma das mais belas perspectivas de Lisboa, lembrando pela sua altitude a do Trocadero, mas dum Trocadero mais modesto e mais simples.

Pena é que ela não se chame Perspectiva D. Afonso Henriques, em vez de alameda. À direita está outro espaço vasto, destinado certamente a ser ajardinado e dando conjunto à execução duma fonte monumental em via de acabamento, nem sempre feliz e onde se admiram dois baixos relévos admiráveis do pintor e decorador Jorge Barradas. O local é felicíssimo e permitia amplamente um «decor» maravilhoso se fosse totalmente bem aproveitado.

Se as circunstâncias ocasionais e providenciais desse local oferecido pela natureza aos velhos amantes dos belos conjuntos e da bela harmonia de arquitecturas urbanas, fôrem de exigente beleza, teremos a Lisboa, a Olissipo de 1943 com um dos mais honrosos «décors» visuais de grande «urbe» europeia e atlântica, (não tem a nossa formosa e mui leal capital um milhão aproximado de habitantes?) a última cidade do continente que as Descobertas projectaram para um novo e misterioso mundo, e que é o mundo de hoje, neste mesmo momento em plena grandeza de civilização e de construção moderna que é necessário estudar e aproveitar como lição.

Próximo dessa esplanada dando saimento à fonte monumental temos o bairro dos Actores, onde vem findar a rua Carlos Mardel actualmente uma das mais formosas e harmoniosas artérias da nossa cidade medieval, renascentina e moderníssima. Como a fénix lendária, Lisboa renasce sempre, melhora sempre. «Quem não viu Lisboa, não viu coiza boa!».

Um detalhe magnífico da fonte monumental, em frente da Alameda Afonso Henriques.

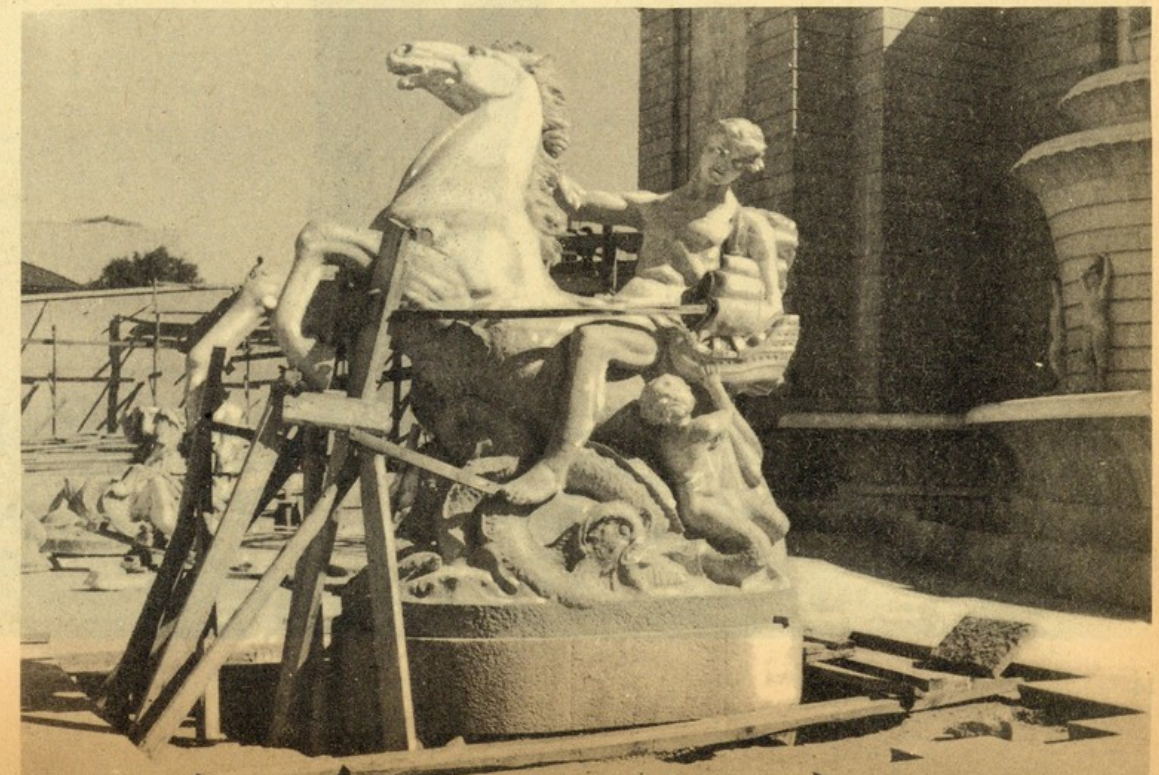
Um detalhe magnífico da fonte monumental, em frente da Alameda Afonso Henriques.



«Uma igreja vanguardista, de belo recorte que honra a nossa arquitectura...»



Um conjunto da fonte monumental, que será animada por feéricos efeitos de luz e sobrepujada por magníficas plantas.

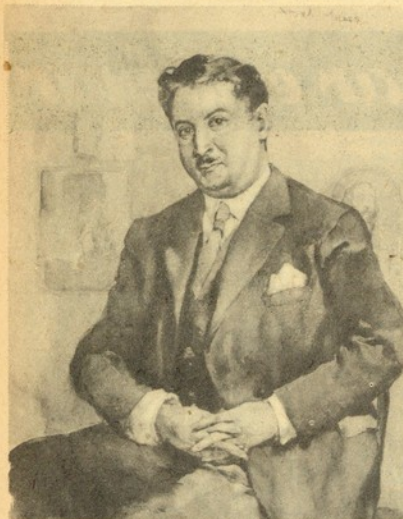


CHARLES PORTAL — Marechal da aeronáutica. A Inglaterra deve-lhe a primeira grande vitória — a do ataque às Ilhas Britânicas, logo em seguida ao colapso da França, quando a Alemanha martelava dia e noite as cidades inglesas e lhe saíam ao encontro os aviadores da R. A. F. Portal, de facto, pelas suas extraordinárias virtudes aplicadas na superior direcção da aeronáutica — foi o mais activo inimigo da aviação alemã, na sua função de comandante supremo da arma aérea da Inglaterra. Hoje, o nome de Charles Portal anda da mesma forma ligado a novas operações: os bombardeamentos de meia Europa em guerra.



A CARICATURA É OU NÃO UMA OBRA DE ARTE?

Francisco Valença que o diga...



Francisco Valença (óleo de Alfredo Morais)

A vida — já repararam? — é uma espécie de caixa de surpresas. Quando queremos isto, acontece-nos aquilo e, se não temos persistência, então não nos acontece nada... Nada também fazia prever uma entrevista. A conversa começara despreocupada à mesa de um «café» e Francisco Valença, falando tão despreocupadamente como fazia manejar o lápis, ia traçando linhas, contornos ao acaso — ao acaso supúnhamos nós... Francisco Valença é um cavaqueador inteligente e agradável. Ele estava agora, precisamente, a objectar-nos:

— Bem vê, meu caro amigo, que o objectivo da caricatura não pode deixar de ser humorístico... É claro que a intenção se apresenta sob diferentes aspectos: pessoal, política, de costumes...

O lápis continua. Sobre a folha do bloco de apontamentos, vão surgindo formas que se definem, enquanto Valença prossegue na sua ideia:

— Não sei de casos, pelo menos entre nós, em que a intenção humorística seja uma simulação. É talvez uma arma terrível — mas é nobre e é leal! E a lealdade, bem vê, não admite simulação... Que diabo: pode lá haver algum parentesco entre a lealdade e uma navalha de ponta e moia?

Debruçamo-nos sobre o papel que Francisco Valença segura nas mãos, enquanto estende os lábios numa atitude de exame severo. Ah! sim, completa-se agora o pensamento pela imagem: é preciso fazer compreender as palavras do caricaturista, um dos nossos melhores valores contemporâneos — tão grande que venceu distâncias e ultrapassou fronteiras.

Francisco Valença puxa o desenho mais para si. Esse desenho onde a graça ferveilha e onde sempre a ironia por vezes aguda, por vezes inofensiva, resalta com uma clareza assombrosa...

A conversa deriva para outro problema, naturalmente:

— Mas o senhor acha que a caricatura tem futuro?

— Isso agora, meu amigo!... Depende da disposição em que ficar o Mundo para rir ou não, quando os canhões, agora tão faladores, recolherem a fala — às culatras. Em todo o caso, o papel da caricatura não virá a ser papel — de embrulho.

Com firmeza:

— Já Êça de Queiroz o disse, há quasi 80 anos: «A caricatura é mais forte do que as restrições e que as proibições. É imortal, porque é uma das facetas daquele diamante que se chama a Verdade. Quanto à caricatura política, é ainda o mesmo escritor que acrescenta lapidamente: «Um governo forte e popular, resumindo em si toda a dignidade de uma nação, não se inquieta com os sarcasmos da caricatura». Não lhe parece que isto é profundo como um provérbio de Salomão?

Há uma pausa. O bastante para lançarmos nova interrogação:

— Houve influência de escolas ou correntes estrangeiras nos caricaturistas portugueses?

— Não a vejo. A caricatura nacional tem personalidade própria. Enfim... não lhe digo que não seja possível que um ou outro dos nossos caricaturistas, com demorada permanência no estrangeiro, se tenha aproximado um tudo-nada da maneira, da técnica de caricaturistas de outros países. Mas, quanto a mim, nunca se verifiqueu desnacionalização: ao de cima, lá aparece sempre o espírito, o carácter português.

— O senhor sabe que há quem negue foros de arte à caricatura...

Francisco Valença fita-nos um pouco e, compreendendo bem o que desejávamos, exclama:

— Se há! Ultimamente, então, ten. sido menos-

prezada por certos críticos de arte... para baixo, sem dó nem piedade. Pelos vistos, estão em moda essas arremetidas... Mas, creia, sem razão alguma! Que é a caricatura? É desenho humorístico. Sendo *deseño*, é arte, ou a lógica é... um *precioso tuberculoso*, como se chama agora às batatas, quando desaparecem das mercearias. Os mais ilustres pintores de todos os tempos, nos seus ócios, fizeram composições caricaturais e humorísticas: Botticelli, Leonardo de Vinci, André del Sarto, Meissonier, Gustavo Doré, Detaille, para citar só estes. O divino Eugénio Delacroix, de seu natural tão reservado, não só disse de Daumier que «não há homem que eu mais estime e admire», como se comprazia em copiar, nas horas vagas, desenhos do formidável caricaturista do *charivari*, principalmente aqueles em que a anatomia humana foi tão curiosamente interpretada.

«Artistas desta categoria *descriam* a tentar a caricatura, se não a considerassem como Arte?»

Parece que Valença acha bem o rumo da conversa e, porque muito tem que dizer, logo acrescenta:

— Dos nossos grandes Columbano e Malhoa algumas caricaturas se conhecem: do primeiro, publicadas, embora anonimamente, no *António Maria* e do autor do *Fado*, em cartas a amigos íntimos. Jorge Colaço não alternava os heróis e os santos dos seus azulejos com os mais hilariantes desenhos? E isto é só uma amostra. Pode ter a certeza de que há mais artistas, cujos nomes não me ocorrem de momento.

O desenho está completo. Valença dá os últimos retoques...

— Deixemos os tais críticos na sua crítica... situação, e recordemos o que acerca da caricatura escreveram altos e esclarecidos espíritos.

Ora oiça:

Alexandre Herculano, ao dar a Rafael Bordalo permissão para publicar a sua caricatura no *Calcanhar de Aquiles*, felicita-o «pelas provas de talento que dá num género em que os nossos artistas não me parece terem sido até aqui excessivamente felizes». Género? Artistas? É claro e transparente como o azeite do austero historiador: a caricatura é um género de Arte.

Ramalho Ortigão chamou ao *António Maria* «uma obra de Arte».

«Júlio César Machado foi mais longe ao dizer que, «na história da Arte, a caricatura não pode deixar de ter o seu lugar. Pertencem de algum modo as manifestações dela à pintura, à literatura e à história».

Manuel de Sousa Pinto afirmou ser a caricatura em Portugal, «como em todos os países civilizados, uma Arte de todos os tempos».

D. Julieta Ferrão, com estas *ferroadas* que lhe peço licença para aplicar aos desastrados pseudo-críticos, disse que «a caricatura, quando perfeita, é sempre uma revelação de Arte», ou este outro *sabonete*: «Eu professo pela caricatura uma grande admiração, como forma de Arte».

E a concluir observa, para dar também por findo o desenho que, afinal, vem a ilustrar esta página:

— Apesar de tudo isto, ainda há céguinhos de um novo Instituto «Bronco» Rodrigues, que não *querem ver Arte* na caricatura. Safa, que são teimosos!



— Não é fácil, porque o crânio é duro como rocha, mas havemos de o convencer!

AMÉRICO LOPES DE OLIVEIRA

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXII - a guerra no ar e no mar

3

A CRISE DE 1942

O ano de 1942 foi o ano da crise britânica. Só recentemente apareceram revelados factos da maior importância que servem para ilustrar as condições particularmente difíceis, em que os marinheiros da Grã-Bretanha tiveram de se bater por toda a parte, desafiando riscos e perigos sem a certeza de que a vitória no mar, condição fundamental da sobrevivência do seu país, acabaria por coroar os esforços dispendidos, tão grande era a falta de navios que se fazia sentir por toda a parte.

O Almirantado, como foi revelado recentemente, chegou a considerar bastante crítica a situação que, entretanto, foi melhorando à medida que se afirmava a competência e a dedica-

ção das tripulações e a excelência do material naval inglês em relação aos seus adversários. A verdade é que a crise a que nos referimos só pôde ser aminorada graças a um espírito de sacrifício ilimitado das tripulações o qual não encontrou rival em nenhuma outra esquadra do mundo. O mesmo pode dizer-se, com verdade, das tripulações dos navios mercantes que, correndo riscos bem conhecidos, nunca hesitaram em afrontar o mar e a ameaça submarina mesmo quando esta representava um perigo real e imediato.

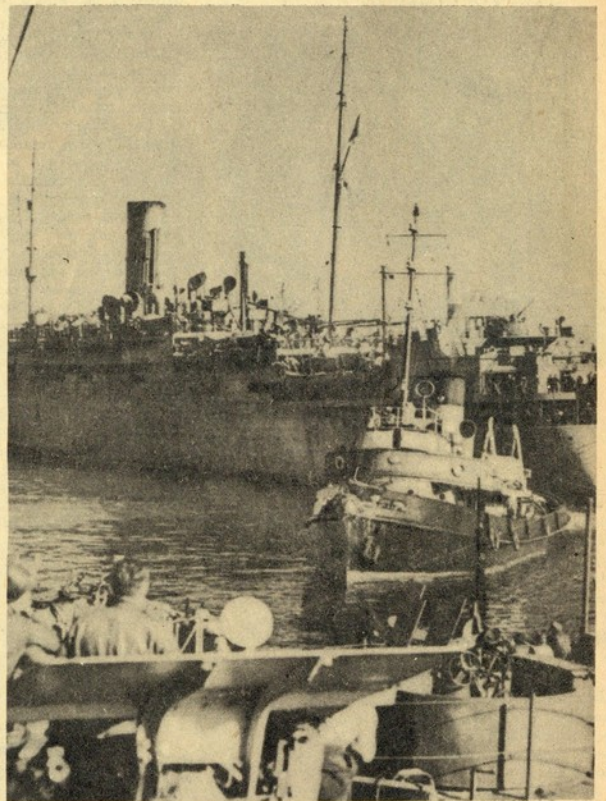
Os afundamentos, que diminuíam periodicamente o total dos navios de guerra britânicos em acção e que faziam sentir os seus efeitos, de maneira particular em relação a certos tipos de unidades, as exigências de reparações longas e custosas, efectuadas por vezes a distâncias enormes dos seus pontos de partida, e a actual situação, em que as unidades reparadas deviam ser chamadas a actuar dum momento para outro, o volume das construções navais do inimigo eram factores que se faziam sentir constantemente, de maneira decisiva, no conjunto das forças em presença e que, em conjunto com a Armada britânica dum desequilíbrio que bem podia, inesperadamente, atingir o ponto de ruptura e conduzir a um desastre sem remédio. Compreende-se, assim, que durante esse período dramático da história da guerra, a responsabilidade pela defesa do solo britânico.

AS TAREFAS DA ARMADA REAL

Quais eram, em resumo, as tarefas que incumbiam à Armada Real no decurso de 1942? Estava ela em condições de desempenhar essas tarefas? A estas duas perguntas é possível responder agora com os elementos oficiais fornecidos pelas autoridades competentes, dos quais é lícito tirar conclusões de que o destino e a sorte da guerra fizeram pesar sobre a esquadra britânica uma carga de responsabilidades que não estava preparada para suportar mas que, apesar disso, ela realizou inteiramente a quasi totalidade dos encargos que foi chamada a executar.

A Grã-Bretanha, em tempo de guerra como em tempo de paz, continuou a policiar os mares de todo o mundo. Esta expressão que, em tempo de paz, tem uma significação, adquire outra completamente diversa em tempo de guerra. Policiar o mar, em tempo de paz, consiste em manter livres as rotas marítimas para o comércio e para o trânsito normal de todos os países pacíficos. Em tempo de guerra, policiar os mares é combater os perigos que nêles exaemem, o submarino e a mina flutuante, o corsário e o avião. No caso da Grã-Bretanha essa tarefa não se exerceu durante o ano de 1942 apenas no Atlântico e no Mediterrâneo. Exerceu-se nos mares distantes e exóticos, desde o Ártico aos confins do Pacífico.

A esquadra britânica devia combater e proteger todo o tráfego que, em proporções crescentes, vinha do continente americano e se destinava à fortaleza inglesa. A partir da intercepção dos Estados Unidos esse tráfego no Atlântico Norte apareceu duplicado por um tráfego igualmente importante no Atlântico central e no Atlântico Sul, o qual derivava da necessidade de fazer seguir para os portos da costa ocidental de África os carregamentos de material e de equipamentos que se destinavam a ali-



O transporte permanente de tropas para o Norte de África pôde assegurar a vitória final das Nações Unidas sobre o continente africano e todo o Mediterrâneo



O almirante Andrew Cunningham, comandante-chefe das operações no Mediterrâneo

mentar a frente aliada do Próximo Oriente.

Era a essa esquadra que incumbia a tarefa de combater e proteger os navios que, pela rota do Ártico, levavam o material destinado à U. R. S. S. Este aliado da Grã-Bretanha atravessava, precisamente, um período de dificuldades crescentes dada a intensidade da ofensiva alemã e a necessidade de proceder à transferência da sua indústria de guerra dos centros ameaçados do ocidente para os Urais. A produção soviética sofreu uma quebra inevitável que tinha de ser compensada pelo aumento dos envios dos seus aliados.

A entrada dos Estados Unidos na luta, em vez de se traduzir por um benefício imediato, traduziu-se, durante alguns meses, por uma sobrecarga de trabalhos e de preocupações. O desastre de Pearl Harbour obrigou o Almirantado britânico a enviar para o Extremo Oriente algumas das suas melhores unidades, incluindo dois navios de linha, numa hora em que a falta de unidades deste tipo se fazia sentir, de maneira afiliva, tanto no Atlântico como no Mediterrâneo. Embora tivesse ouvido a opinião dos técnicos navais, a responsabilidade dessa decisão cabia ao Primeiro mi-

nistro que teve de acarretar com ela. Quando o «Prince of Wales» e o «Repulse» foram afundados nas águas da Malásia, essa responsabilidade tomou verdadeiramente as proporções dum pesadello agravado pela circunstância de ter sido confiado a um dos mais directos colaboradores do sr. Churchill, que era além disso seu amigo pessoal, o almirante Tom Phillips, o comando da esquadra de batalha afundada.

A opinião pública inglesa revelou, nessa altura, pela primeira vez, como não revelara quando dos bombardeamentos aéreos em grande escala, uma hesitação evidente em relação aos dirigentes da guerra. Os desastres no mar, como o afundamento do «Prince of Wales» e do «Repulse» e a passagem do «Scharnorst» e do «Gneisenau», exerciam sobre o espírito do inglês médio uma influência mais depressiva do que as bombas que caíam, como uma chuva de ferro e fogo, sobre os seus lares ameaçando as vidas e destruindo os haveres. Foi nessa altura que os inquéritos feitos pelos organismos da especialidade, como o Instituto Gallup, revelaram que baixava em proporções inquietantes, a confiança do povo inglês nos seus governantes.

A SITUAÇÃO NO MEDITERRÂNEO

Se a linha do Atlântico era a linha vital da Grã-Bretanha, aquela que lhe permitia sobreviver, a linha do Mediterrâneo era a linha da unidade imperial, aquela que mantinha coeso um Império espalhado por todos os continentes e com interesses em todos os mares. Se a esquadra britânica fosse expulsa do Mediterrâneo, não era apenas o prestígio daquele país que apareceria afectado, dum forma porventura irremediável. Era a segurança do seu Império que corria um risco mortal. Os ingleses só compreendiam a utilização da rota do Cabo como recurso temporário, com a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, a rota do Mediterrâneo seria reaberta à navegação, como efectivamente aconteceu. Mas o seu espírito não deixaria de se sentir dolorosamente deprimido, se fosse obrigado a reconhecer que essa rota, tão extensa e tão



semeada de perigos, passara a ser o único elemento que punha em comunicação a metrópole britânica com a Índia e com os Domínios.

Compreende-se, por isso, que tudo o que se passava no Mediterrâneo fosse particularmente sensível para a opinião pública britânica. E se havia certos pormenores que era possível ouvir ou mesmo ocultar, no relato monótono dos comunicados oficiais, havia, ao mesmo tempo, realidades de tal forma evidentes e impressionantes que não era possível alimentar em relação a elas qualquer dúvida. De resto, o inglês revelou invariavelmente uma tendência para não se deixar embalar por um falso optimismo preferindo sempre o conhecimento da realidade, mesmo quando esta se reveste de aspectos trágicos e pode traduzir-se pelo desaparecimento das posições pessoais, dos interesses privados e dos benefícios adquiridos. Se nem todos, na Grã-Bretanha, conheciam exactamente o que se passava no Mediterrâneo ninguém tinha dúvidas de que era precisamente nesse mar que os reflexos da crise naval, que a nação atravessava, se faziam sentir de maneira mais efectiva.

O ALMIRANTE CUNNINGHAM

A crise, verdadeiramente, começara na hora em que a França abandonara a luta. O comando da esquadra do Mediterrâneo, que em colaboração com a esquadra francesa devia assegurar ali o domínio dos Aliados, estava confiado a um marinheiro que, mais tarde, havia de revelar-se como o mais legítimo representante da grande tradição de Nelson e de Jellicoe. A sua personalidade deve considerar-se como um dos elementos essenciais, possivelmente mesmo como o elemento essencial, que conduziu à vitória final do seu país, consagrada pela entrega da esquadra italiana em Malta, depois de três anos dos mais rudes combates e da mais aturada vigilância.

Cunningham era de opinião que, por isso mesmo que a esquadra britânica sozinho passara a ser a mais fraca, lhe incumbia o dever de atacar sem descanso os seus adversários forçando-os a uma luta que seria não apenas uma prova de força material mas um teste da competência e do moral das tripulações. Esta forma de encarar a guerra e as suas necessidades é peculiar aos grandes capitães e chefes militares de todos os tempos que ficam, em geral, mais do estado de espírito dos seus subordinados do que da importância dos recursos de

que podem dispôr, em determinado momento.

O ataque aéreo-naval à grande base de Taranto e a iniciativa de Matapan foram um produto da imaginação e da vontade de Cunningham. O seu propósito fundamental era o de fazer um alarde de forças que não possuía afim de obrigar a esquadra italiana a recolher às suas bases deixando de representar um valor activo na guerra naval. É lícito hoje dizer que este objectivo foi plenamente atingido. Depois daqueles dois recontros produziram-se ainda episódios, de importância relativa, como os ataques esporádicos aos comboios de abastecimento de Malta que sulcaram o Mediterrâneo em 1942. Mas não se travou qualquer batalha naval em que a esquadra italiana se arriscasse.

A ESQUADRA ITALIANA

No entanto, essa esquadra era uma das mais poderosas do mundo, e não apenas da Europa. O desaparecimento da esquadra francesa do número dos beligerantes viera ainda contribuir para lhe dar um realce maior. Considerando, no papel, como costumam dizer os marinheiros, as possibilidades das frotas em presença, era a esquadra italiana que devia pertencer, de maneira incontestada, o domínio do Mediterrâneo no período que decorreu entre a queda da França, em meados de 1940, e a vitória aliada na Tunísia, em meados de 1943, portanto durante um largo período de três anos. Um dos chefes mais conhecidos da Armada italiana, o almirante Uberti fez, na altura a que este relato se reporta, declarações públicas sobre o potencial naval do seu país que vale a pena recordar neste momento, dada a categoria daquela personalidade.

A Itália possuía, em 1942, uma esquadra de batalha cujo peso devia fazer-se sentir, de maneira decisiva, na luta pelo domínio do Mediterrâneo. Possuía quatro couraçados de 24.000 toneladas modernizados, o «Cavour» o «Giulio César», o «Andrea Doria» e o «Caio Duilio». Já depois de iniciadas as hostilidades tinham sido postos em serviço dois novos navios de linha de 35.000 toneladas, do mais perfeito que a construção naval em todo o mundo realizara até ali. Eram o «Littorio» e o «Vittorio Veneto». O



primeiros destes navios mudou depois o nome, que inicialmente lhe fora dado, para «Italia».

Mais importante era, porém, a notícia que o almirante Uberti dava sobre a entrada em serviço dos dois couraçados de 35.000 toneladas que se encontravam em construção e relativamente atrasados quando estalou a guerra. Tratava-se do «Roma» e do «Impero», navios a respeito dos quais subsistiam dúvidas nos meios navais ingleses e americanos onde não se acreditava que eles pudessem ser utilizados num prazo de tempo relativamente curto. O almirante Uberti, em Outubro de 1942, afirmava de maneira categórica que ambos estes navios se encontravam em serviço e que depois veio a verificar-se não corres-

Ex. mas Senhoras
Ao voltarem de suas férias visitem os lindos modelos de **VESTIDOS, CASACOS, CONFECÇÕES DE PELES E "LINGERIES"**
Expostos nos salões de **LUCINDA & INEZ, L. DA**
R. D. Estefânia, 117, 1.º

ponder inteiramente à verdade. Mas não há dúvida de que em 1942 um deles, o «Roma», estava em serviço encontrando-se o outro, o «Impero», a terminar a sua construção.

Praticamente, a Itália dispunha de uma esquadra de batalha composta de sete unidades, modernas ou modernizadas, todas elas poderosas e dispostas a lutar com o seu poderoso armamento. Essa esquadra de batalha era acompanhada por dezenas de cruzadores, pesados e ligeiros, mais de cem contratorpedeiros e mais de cem submarinos, além de centenas de unidades auxiliares de todos os tipos e toneladas.

A POSIÇÃO DA ESQUADRA BRITÂNICA

Aconteceu que foi precisamente de Pearl Harbour, e portanto no decurso de 1942, que a esquadra britânica sofreu os mais duros e pesados golpes. A perda do «Hood», no Atlântico Norte, e a fuga dos dois navios de linha alemães que se encontravam em Brest, revelaram até que ponto o Almirantado tinha de se es-



forçar por acautelar a segurança da ilha britânica não enfraquecendo o valor e o potencial da sua esquadra metropolitana (Home Fleet). A delicadeza da situação no Extremo Oriente obrigava a enviar para as águas da Malásia dois couraçados, o «Prince of Wales» e o «Repulse», que depois foram afundados.

O afundamento do «Barham», no Mediterrâneo, constituía uma perda particularmente sensível. A verdade, porém, é que o inimigo nunca teve a certeza de haver afundado este na-

vio até o momento em que, bastante tempo depois do afundamento, ele foi oficialmente notificado em Londres.



Esta circunstância, bem como as versões contraditórias que correram sobre o afundamento do porta-aviões «Ark-Royal», contribuíram, de maneira decisiva, para manter durante bastante tempo os adversários da Grã-Bretanha numa incerteza evidente sobre o verdadeiro valor das forças navais de que este último país dispunha.

Segundo uma declaração recente, feita pelo Primeiro Lord do Almirantado, nessa altura foram gravemente avariados dois outros navios de linha da esquadra britânica, o «Queen Elizabeth» e o «Valiant». A desproporção de forças navais no Mediterrâneo, coincidindo com as derrotas infligidas às forças britânicas que operavam no norte de África pelo marechal Rommel e com as dificuldades em que se debatia a ilha de Malta sob o peso dos bombardeamentos aéreos e com um abastecimento precário, tornaram a posição britânica no Mediterrâneo durante a maior parte do ano de 1942 e principalmente no fim deste ano verdadeiramente aflitiva. Como dissemos, foi só graças ao espírito de sacrifício das tripulações e, durante quase todo esse longo período, graças à competência do almirante Cunningham que foi possível remediar essa situação criando-se as condições que permitiram, mais tarde, restabelecer o domínio naval britânico no Mediterrâneo.

(Continua)

APRENDA RADIO
Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

CLIPER'S
Apresenta a brilhantina sólida para cavalheiros novidade em Portugal em
5 CÔRES
A brilhantina usada pelos artistas de Cinema. Especialmente preparada para fotografia. FAÇA HOJE MESMO ESTA EXPERIENCIA. PENTEIE-SE COM A BRILHANTINA «CORREDO» tradução portuguesa da marca de exportação

«CLIPER»
e em seguida tire uma fotografia e veja como o penteado se destaca de uma forma especial

INCOLOR
PARA TODOS OS CABELOS
BOIÃO 16\$00

Côr Tiron para cabelos pretos
Côr Gable para cabelos castanhos
Côr Douglas para cabelos louros ou claros
Côr Barrymore para cabelos brancos ou grisalhos

À venda em todas as boas casas

UM GÊNIO DA CIÊNCIA *visto pelo cinema*



PARACELTUS deixou o seu nome gravado a letras de ouro na história da ciência. A sua abnegação, aplicação ao estudo, espírito de sacrifício e dedicação ao que consideram um sagrado sacerdócio, fizeram dele uma figura de nome universal, respeitado por outros cientistas, quase idolatrado por profanos!...

Pois o cinema, numa homenagem semelhante a tantas outras que as suas incomensuráveis possibilidades permitem, perpetuou na tela o gênio de Paracelsus—precursor e pioneiro das ciências médicas.

Bavária tomou a seu cargo a realização do filme que, como se compreenderá, requiere uma grande fidelidade de pormenores e apontamentos históricos.

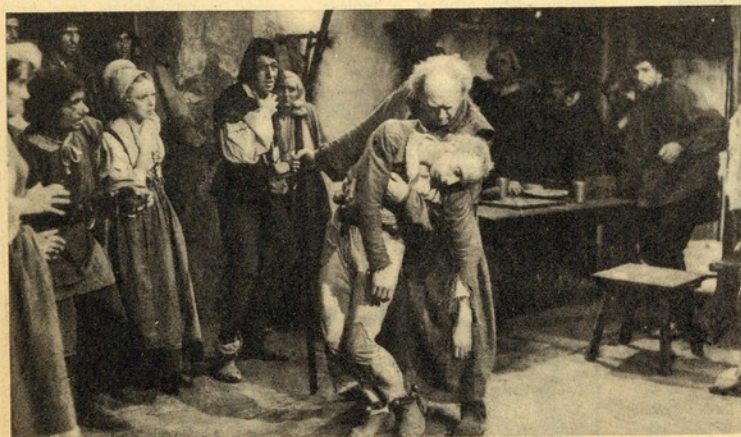
Como se a natureza do argumento não bastasse, a Bavária escolheu para realizador um homem que só por si tem sido a razão de ser de tantos êxitos: G. W. Pabst.

Este artista, dotado duma sensibilidade extraordinária e duma intuição invulgar, conheceu vitórias sem conto nos tempos do «mudo».

Com o advento do sonoro, pensou-se que sucederia a Pabst o mesmo que a outros nomes famosos do «mudo»: desapareceria!... Mas o poder de adaptação e as superiores qualidades de inteligência de Pabst tudo venceram. O sonoro trouxe-lhe até, em boa verdade, mais vantagens. Consentiu-lhe novos rumos — abrindo-lhe o caminho de novos triunfos, como este, que se assinala em «Paracelsus».

A interpretação é de grande responsabilidade. O protagonista, a estranha figura de Paracelsus é, nem mais nem menos, que Werner Krauss, um artista de méritos bem firmados, considerado hoje um dos primeiros na cinematografia mundial. Acompanha-o Harald Krentzberg, uma revelação triunfante. Dos mais podemos citar Annelies Reinhold, no papel de «Renata», uma figurinha gentil, que muito valoriza o filme, e Martin Urtel, numa composição recheada de dificuldades.

Oferecemos aos nossos leitores alguns «momentos» interessantes da excelente película, que vamos ver em breve.





Clark Gable e Vivien Leigh

E Tudo o vento levou é um filme perfeito. E nunca esta qualidade teve tão exacta e tão brilhante expressão. A obra revela uma concepção e uma execução que podem considerar-se exemplares e todos os elementos da técnica, dentro das fórmulas mais puras do classicismo cinematográfico, concorrem, constantemente, para a valorização do espectáculo. Quando falamos em classicismo, queremos dizer, evidentemente, respeito absoluto pelas exigências da linguagem das imagens, ausência de efeitos rebuscados, preocupação manifesta de prescindir de inovações — facilidade, naturalidade, verdade, tudo aquilo afinal que dá ao cinema a sua poderosa força de expressão e sugestão. «E tudo o vento levou» é um filme excepcional, porque cada imagem e cada cena foi concebida, estudada e executada de forma a tirar dela o máximo partido, emocional ou espectacular, dentro dum conjunto que só por si constitui uma vitória — condensar em quatro horas a acção e o que é mais, o espírito dum romance, cuja popularidade não consentia as amputações e as liberdades de que em regra o cinema não prescinde, quando se trata de vestir em imagens uma obra literária por muito grande que seja a sua valia.

Se dissermos que o filme foi «projectado» por esse técnico espantoso que se chama William Cameron Menzies — o «homem que faz milagres», (recordam-se de «Alice no País das Maravilhas», de «A Vida Futura», da gruta das «Aventuras de Tom Sawyer»? se acrescentarmos que, em íntima colaboração com os cenógrafos, decoradores e técnicos da câmara, ele desenhou no papel, as imagens capitais de cada cena; e se recordarmos ainda que este filme reuniu o maior estado-maior de que há memória em Hollywood, desde o perito militar para as cenas da guerra civil, até ao professor de diction que ensinou, a Vivien Leigh, o sotaque do Velho Sul — se dissermos e se recordarmos tudo isto, facilmente, nos daremos conta da grandeza do empreendimento e do perfeito funcionamento e ajustamento de todas as células que faziam parte da maquinaria impressionante de tão grande espectáculo.

Realizando «Gone with the wind» com tal riqueza de expressão, com tão exacto sentido das realidades cinematográficas — Hollywood deu ao mundo o documento mais flagrante e mais elucidativo do poder do Cinema, como Arte e como Espectáculo, e das possibilidades dia a dia mais surpre-

7 DIAS DE CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO

dentes duma indústria que, de filme para filme, nos parece dar a última palavra, e que, afinal, tem ainda muito que dizer.

* * *

Foi o êxito assombroso da obra literária, «récord» dos «bestsellers» dos últimos anos, que levou Hollywood a inverter neste filme os capitais só excessivos por «Ben-Hur». A América, enlouquecida com o romance de Margaret Mitchell, exigia um filme que estivesse para a produção corrente — como o romance estava para a literatura, no nível das preferências da maioria. Porque, em boa verdade, podia perguntar-se se esta história merecia, pela sua «qualidade», tão portentosa realização. Folhetinesca, profundamente romântica, dir-se-ia até um pouco «démodée» perante o positivismo e o realismo dos tempos que vão correndo. Mas é esse sabor duma literatura que «O vento levou», e que tão bem se casa com o ambiente que evoca, que lhe dá o perfume saudosista dos seus encantos. Guardadas as devidas proporções, o caso de «Gone with the wind» é, até certo ponto, o caso do nosso «Amor de Perdição». E muito embora o mundo teime em querer parecer duro e cruel, na alma de cada um de nós a corda sensível do romantismo está pronta a soar logo que a nota adequada a faça vibrar por simpatia.

Mas «Gone with the wind» não tem apenas acção opulenta dum romance por fascículos de excelente qualidade. O que faz do romance uma obra à parte é a prodigiosa evocação dos tempos descuidados e da vida fácil — sans blague! — do Velho Sul, onde imperava uma mentalidade feudal, que se estendia a perder de vista pelos campos de algodão, adubados com o comércio dos negros, que Lincoln combatia. E não é só no encanto e na evocação que devemos buscar o êxito da obra, mas também no desenho prodigioso das figuras, muitas delas decalcadas da vida real, tão curiosas, tão expressivas, tão originais — personagens de romance, personagens com categoria literária para impôr uma história. Scarlett, compêndio vivo do «eterno feminino», é uma das heroínas mais apaixonantes que a literatura nos tem dado. A história de «Gone with the wind» assenta sobre a sua curiosa e estranha personalidade — e a guerra civil, a fome; a miséria actuam, sobre ela, como estimulantes a despertar-lhe as reacções.

* * *

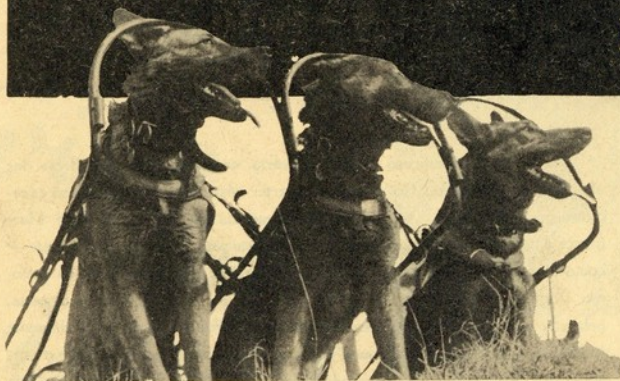
Há duas idéias que permanecem, que não são arrastadas na derrocada dos acontecimentos e dos corações. Uma é o horror à guerra. Sob este aspecto, a imagem da estação, onde os feridos agonizam num mar de sangue e de dor, vale como um libelo vibrante e definitivo. E hoje que o corcel desenfreado do cavaleiro do Apocalipse corre pelo mundo — há por toda a parte rios de sangue, corpos gangrenados, sofrimento, miséria, horror.

A outra realidade «que o vento não levou» — é o amor, entranhado e profundo à Terra, sempre generosa e leal na retribuição do esforço que cada um lhe consagra. Tara, a fazenda dos O'Hara, é um exemplo de alguma coisa estável e de eterno, na ronda trágica dos acontecimentos, no desmoronar das próprias civilizações. Quando Scarlett supõe nada lhe restar na vida — a terra avermelhada, onde há uma árvore imensa, sua amiga e confidente, aparece-lhe como um arrimo e um bordão. Ali encontrará paz e conforto e a Estrela do Norte que lhe dará o bom destino.

* * *

Não cabem nas dimensões desta crónica despretençiosa mais largos comentários. Digamos apenas que este filme dignifica o Cinema, sob todos os aspectos. E parece-nos, no laconismo desta frase, termos dito aquilo que, em quarenta anos de cinema, poucas obras mereceram.

OS CÃES TAMBÉM LUTAM COMO OS SOLDADOS NA FRENTE RUSSA!



Três cães ansiosos de movimento: «Sepp», «Wolf» e «Arras» que estão à espera do sinal de partida.

NA Alemanha, e com destino principalmente à frente russa, constituiu-se, de há muito, com cães de guarda, vindos da respectiva estação de criação, subordinada ao Chefe das S. S., uma secção de transportes, que foi agregada à divisão de cavalaria das S. S. A esta nova secção deu-se como suprema homenagem, o nome de um dos seus homens mortos em combate: o membro das tropas de assalto Elbinger. E não se julgue que não é importante a tarefa desta secção: à frente de combate, através de difíceis terrenos florestais, os bons e habilíssimos cães têm que levar correio, viveres, munições e material sanitário. Foi tão grande o êxito obtido com esta organização que, decerto, lhe serão agregadas uma outra matilha de cães-polícias e uma matilha de cães-estafetas. Todos os homens desta secção foram distinguidos com a Cruz de Ferro ou a medalha de valor combativo e já suportaram a espantosa dureza da batalha de inverno. Eles depressa se tornaram amigos dos seus novos «camaradas» quadrúpedes e é com sincero entusiasmo que todos, bichos e homens, contribuem para o esforço de guerra a Leste.



Uma clareira aberta na floresta que dá passagem a uma «divisão» da Secção de Tracção Canina, a caminho das primeiras linhas.



Não se colocam, porém, arbitrariamente os membros da estranha cavalgada. Na testa da coluna seguem sempre os mais espertos.



Que é lá! Não te impacientes! Aqui há comer para todos... Um bocadinho de espera não faz mal, senhores impacientes. Vamos, deitem-se!



«Max» e «Morris» são os mais novos da matilha. Ainda não estão habituados ao trabalho mas, também, para vigiar, lá está a «mamã» cadela...



A ITALIA, CAMPO DE BATALHA!

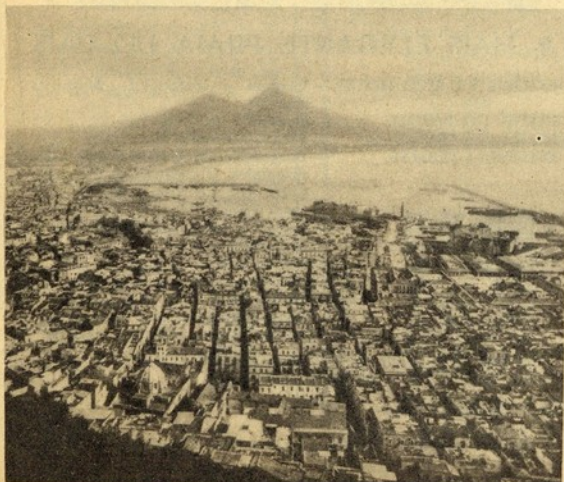
MESMO passando sobre os comentários da guerra, a tragédia da Itália sente-se como uma chaga real, evidente e difícil de curar. Já não são os metódicos ataques e vitórias dos atacantes, à medida que os dias passam. A luta, com o Armistício, tomou aspectos dolorosos: fragmentações, metralhar sistemático de vilas e cidades, confusão, caos, focos de insurrectos e de leais aos partidos.

Que va iser da Itália? — é a pergunta ansiosa do mundo que vê sobreporem-se os interesses de cultura e de espírito aos interesses da força armada...

Mas a pergunta fica sem resposta, já que esse bérço doirado de uma civilização, que fez outras civilizações, entrou no caos e só tarde virá a recompor-se.


A Sicília, a Calábria, Salerno — damos ao alto um aspecto do porto onde desembarcou o 5.º exército americano, sob o fogo alemão — Milão, Turim, Roma, Nápoles — de que damos em baixo um majestoso aspecto — são as vítimas n.º 1 desta nova fase da guerra e pela qual desde já anunciam a emolação de novas terras.

A máquina não pára e, pelo mapa que damos ao lado, o leitor verá como é ainda longo o caminho a percorrer para que a Itália possa descansar exangue sobre os destroços dos seus monumentos e as chagas dos seus filhos...



Vida
MUNDIAL
ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.
— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WRUL	38.4 m.	WRUW	49.6 m.	WKLJ	39.6 m.
8,45	WRUL	38.4 m.	WKLJ	30.7 m.	WKTS	39.6 m.
9,45	WKLJ	30.7 m.	WKTS	39.6 m.		
12,45	WKLJ	19.6 m.	WGEO	19.5 m.		
13,45	WRUW	25.9 m.	WKLJ	19.6 m.		
14,45						
17,45	WRUS	19.8 m.				
18,45						
19,45	WGEO	25.3 m.	WRUS	19.8 m.		
20,45 às	21,15	WGEO	19.5 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.		
		WRUS	19.8 m.			
	21,45					
	22,45	WKLJ	30.7 m.			
	23,45					

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

CHARLIE KUNZ

O pianista de ritmo inconfundível



APRESENTA TODOS OS MÊSES
OS SEUS ÚLTIMOS ÊXITOS
GRAVADOS EM DISCOS

OIÇA-OS NOS

Est. Valentim de Carvalho
R. Nova do Almada, 97

ARIEIRO, Átrio de Lisboa

(Conclusão da pág. 13)

seus últimos livros reeditados, continua o crítico do «Culto da Arte»: «Balbi, um dos nossos mais esclarecidos críticos, dizia no seu livro publicado em 1822 («Essai statistique sur le royaume de Portugal»), que a falta de carácter artístico nas miseráveis edificações de Lisboa provinha do vício radical de não haver arquitectos e de ser a profissão de engenheiro oficialmente considerada como profissão enciclopédica.

As palavras de Balbi definem ainda, assás precisamente, o regime de arte em que temos vivido desde o seu tempo até hoje».

Emendemos a tempo os erros do passado e dotemos Lisboa com nobres conjuntos e harmoniosos «décors», porque é a nossa casa colectiva.

E assim como o Terreiro do Paço é o átrio pombalino e majestoso do sul da cidade junto ao rio, a Praça do Arieiro, ou a «Praça da Estremadura», junto à paisagem estre-menha, deve ser o átrio norte da civitas maravilhosa, a última cidade do ocidente, a terra das «muitas e desvairadas gentes», de que fala o cronista medievo Fernão Lopes na infância da nossa língua.

Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa!

CORREIA DA COSTA

GALERIA A. MOLDER

inaugura no dia 28 a Exposição de Outono com 500 quadros de pintores contemporâneos na sua sede:

R. 1.º de Dezembro, 101-3.º

e uma exposição de desenhos da artista espanhola

VALLS LLOPART

na filial:

Rua Rodrigues Sampaio, 136

AQUI JAZEM
TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS
Há muitas
MEDICINAIS
e casam-se de
destruam os
microbios da
boca, não há uma
EVITA:
estomatites
mercuriais
ou bacterias
TRATA:
gengivas das
carnadas

Couto, 7-1-Porto
L. 8. 200005-108

ESTORIL

COSTA DO SOL



A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS

ESTORIL PALÁCIO HOTEL — Luxuoso e confortável — Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE — Elegante e moderno

HOTEL DE ITALIA — Preços moderados

ESTORIL — TERMAS — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas. PISCINA de água tépida.

TAMARIZ — Magníficas esplanadas sobre o mar

CASINO — Restaurante — Bars.

— Aberto todo o ano

— Concertos — Cinema — «Dancing»

— Restaurante — Bars

— Jogos autorizados pelo Governo

— Roleta — Banca Francesa — Bacará

«STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EQUITACÃO

PARQUE INFANTIL

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

UMA COLHIDA MORTAL



EM Viseu, morreu um toureiro! Esta notícia, que deveria parecer natural numa arte em que a eminência do perigo é o seu principal atractivo, causou uma consternação tão profunda como se constituísse surpresa um toiro erogar nas hastes afiadas o corpo débil de um lidador, rasgar-lhe

as carnes e deixá-lo inanimado, numa poça de sangue, a face contraída numa expressão dolorosa, os braços estendidos na rigidez da morte. Sim, é natural que a festa de toiros tenha desses quadros macabros — de contrário não seria de louvar a valentia dos toureiros — mas a sua principal beleza, a sua grande beleza, reside na vitória do intelecto sobre a força bruta, na vitória do homem sobre o animal. Quando isto não acontece, a festa perde em beleza, perde em interesse, porque a sua finalidade foi adulterada. O toureiro existe como expressão da superioridade do homem e nunca como prova da supremacia do toiro. Por isso é que foi com profundíssima dor que a «aficção» recebeu a notícia da morte de Joselito Cardenas em Viseu. Por isso e porque o simpático bandarilheiro tinha em cada conhecido uma amizade sincera. Companheiro abnegado nessa virtude que uma todos quantos envergam o «trajo de luces», Cardenas era leal e franco, cavalheiro e respeitador sem reservas para aqueles que, mais destacados na arte, haviam subido os degraus da fama — dessa mesma fama que se lhe mostrara adversa, destruindo sonhos antigos de que a sua simplicidade nem se lembrava já.

Ainda há bem pouco éle nos falava do seu passado, do tempo em que, num sonho legitimo, se fizera novilheiro para subir, para ser «mator», para ser, enfim, «alguém» dentro da Festa Brava. Afinal, embora reunisse condições para realizar quanto desejava, não conseguiu actuar senão em praças de provincia, muito embora tudo fizesse por tourear em Madrid — o que éle reputava difficilimo para quasi todos e impossivel para si. Resolve-se, então, a deixar o estoque e, numa renúncia sem revolta nem queixume, toma o capote e as bandarilhas para servir aquêles que, mais bafejados pela sorte, andavam matando toiros por aquelas praças onde tantas vezes sonhara fazer «faenas» grandes. Saudoso de Portugal, que porventura lhe oferecera as melhores e mais generosas palmas como novilheiro, aqui se instala, numa vida regrada que lhe deu aquêles ar mais de burguezes que de toureiro.

Quando se vestia de «luces» Cardenas era uma utilidade, um «quite» sempre oportuno, qualidades que tomaram a maior expressão quando ao lado Gregório Garcia passou a actuar como seu pião de confiança. E ao serviço dêsse novilheiro cujos momentos triunfais se contam por actuações, Joselito Cardenas, como se nunca tivesse sonhado ser mais que um humilde subalterno, foi de uma dedicação extrema para com o mexicano, dedicação que se manifestava dentro e fora da praça.

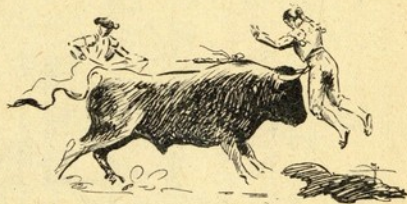
Gregório reconhecia-lhe as qualidades excepcionais, e publicamente as referia ante a compassiva modéstia dêsse homem que, acima de tudo, punha a camaradagem devida aos da sua profissão, como orgulhoso da categoria simples que tinha dentro da arte que tanto amava.

E foi num momento apagado da lide, como apagada e humilde era a sua acção de «peão de brega», que um toiro o alcançou e matou, já quando não podia ganhar palmas mas era ne-

cessário sujeitar o animal longe do seu «maestro», que recolhia os aplausos da multidão. Figura simples dentro da Festa Brava, Joselito Cardenas morreu como viveu: humildemente. E por ser assim, é que mais o lastimamos, pois nem sequer teve o conforto do triunfo nem a possibilidade de ter garantido o futuro dos seus com proventos amealhados numa vida que, sendo de iguais perigos para todos, tão diferente é nas compensações que oferece. Como homem de coração que era, se algum pensamento iluminou o último minuto da sua vida, éle pertenceu decerto à sua familia, à esposa querida, e à preocupação de a deixar em difficuldades materiais. E é triste, é conflagrante ter-se lutado tanto para se não alcançar mais que a pobreza!

Crónica e desenhos de

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



QUE DISPARATE!...

Mamã porque não tiram as manchas da girafa com o CASULO LIMPA FATOS?

— Não vês, meu filho, que o malhado natural da pele do bichinho não pode ser tirado com coisa nenhuma! É verdade que não há nada melhor para tirar as nódoas e o lustro do que o CASULO LIMPA FATOS. Até os fatos velhos ficam como novos, desinfectados e sem mau cheiro!! É uma maravilha! E ficam durando muito mais.

Custa só 2\$00 e dá para 1 litro de soluto

Em todas as drograrias do País

REVENDA

Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA

TRES EDIÇÕES DE "VIDA MUNDIAL" TRES ÉXITOS!

OS 295 DIAS QUE ABALARAM A FRANÇA
Por ACURCIO PEREIRA
Preço: Esc. 12\$50

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL
Preço: Esc. 5\$00

A ESFERA MISTERIOSA
Romance policial de MAX FELTON
Preço: Esc. 3\$00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS



Na Rua 1.º de Dezembro, a Galeria Molder inaugurou uma magnífica colecção de obras de arte, onde estão representados artistas portugueses e estrangeiros. O acto inaugural foi muito concorrido e a exposição tem sido muito visitada.

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Titulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
 Rua dos Correiros, 70.
 LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

a.3. 30/9



Haile Selassie, o último imperador da Abissínia conquistada pela Itália, foi a primeira vítima das idéias imperialistas que dominaram o mundo. Mas a primeira vítima — foi também o primeiro justicado: Haile Selassie, em 1940, quando a Inglaterra e os Domínios iam expulsar do solo etíope, com o auxílio dos patriotas nativos, os conquistadores de 1935, regressava a Kartum e estabelecia ali o seu quartel general. Menos de um ano depois, Selassie, que vemos numa das suas últimas fotos com a sua imperial família, entrava na capital etíope e iniciava, sob a égide das Nações Unidas, uma formidável obra de restauração e progresso.